

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CAMPUS SANTA MÔNICA

CECÍLIA DE MOURA OLIVEIRA

Eva infestada:
Integração simbólica entre casa, inseto e psique na narrativa visual

Uberlândia
2023

CECÍLIA DE MOURA OLIVEIRA

Eva infestada:

Integração simbólica entre casa, inseto e psique na narrativa visual

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica – como parte dos requisitos necessários para obtenção da graduação em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. João Henrique Lodi Agreli.

Uberlândia

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha família, por sempre ter me apoiado na decisão de ser artista. Em especial, ao meu pai, por ter construído nossa casa, para que hoje, eu construísse a de Eva.

Aos amigos que fiz durante a graduação, obrigada pelo amor e carinho que me mostram todos os dias, devo o final dessa etapa aos almoços de toda semana.

Obrigada à Alissa, que mesmo longe fez muito por essa pesquisa e por essa pesquisadora. Não existem palavras grandes o suficiente para agradecer o que sua amizade faz por mim todos os dias.

À Isabelle, por todo o apoio que me ofereceu durante nossa amizade, especialmente, nesses 2 anos morando juntas. Sua sensibilidade e cuidado no fazer artístico me inspiram diariamente. Obrigada à nossa casa.

Por fim, agradeço ao meu orientador, João Agreli, pelos aprendizados.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso da Graduação em Artes Visuais propõe a realização de uma história em quadrinhos. O estudo foi motivado pela experiência na ilustração e no desenvolvimento de narrativas visuais, principalmente relacionadas as imagens da casa e do inseto. A pesquisa tem como objetivo relacionar esses elementos às reflexões pessoais acerca de desconfortos psicológicos. O quadrinho retrata uma mulher em sua casa, gradualmente invadida por insetos, explorando a correlação entre a condição psicológica da personagem e seu ambiente físico. Foram feitas análises críticas da obra, bem como, de suas referências, buscando a investigação das relações entre indivíduo, casa e insetos.

Palavras-chave: quadrinhos; inseto; ilustração; casa.

ABSTRACT

This undergraduate thesis in Visual Arts proposes the creation of a comic book. The study was motivated by experience in illustration and the development of visual narratives, particularly related to images of the home and insects. The research aims to relate these elements to personal reflections on psychological discomforts. The comic depicts a woman in her home gradually invaded by insects, exploring the correlation between the character's psychological condition and her physical environment. Critical analyses of the work and its references were conducted, seeking to investigate the relationships between the individual, home, and insects.

Keywords: comic book; insect; illustration; house.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Página do quadrinho: Primeiro contato.....	34
Figura 2- Página do quadrinho: Consumo.....	36
Figura 3- Página da adaptação “The Metamorphosis”, de Peter Kuper.(2003)	39
Figura 4- Mundus Admirabilis (2007).....	40
Figura 5- Página do quadrinho: Cheio.....	41
Figura 6-SUDDENLY, Regina Silveira (2000).....	42
Figura 7- FLY, Yoko Ono (1970).	43
Figura 8- The World Flag Ant Farm, Yukinori Yanagi (1990).	44
Figura 9- Frame do filme “James e o Pêssego Gigante”, de Tim Burton. (1996).	45
Figura 10- Frame do filme “Coraline”, de Tim Burton. (2009).....	46
Figura 11- Frame do filme “Beetlejuice”, de Tim Burton. (1988).	46
Figura 12- Página do quadrinho: Dentro	49
Figura 13-Abrigo, Brígida Baltar (1996).....	51
Figura 14- Série de pinturas Femme Maison, Louise Bourgeois (1947).	52
Figura 15- Red Room (Child), Louise Bougeois (1994).....	53
Figura 16- Red Room (Parents), Louise Bourgeois (1994).	54
Figura 17- Spider, Louise Bourgeois (1997).....	55
Figura 18- Maman, Louise Bourgeois (1999).	56
Figura 19- My Bed, Tracy Emin (1998).....	57
Figura 20- Página do quadrinho “Aqui”, de Richard McGuire (2014).	58
Figura 21- Página do quadrinho: Corredor.	59
Figura 22- Estudos das concept arts.....	61
Figura 23- Concept art: Jantar.....	62
Figura 24- Concept art: Sala	63
Figura 25- Concept art: Planta.	63
Figura 26- Rascunho da terceira página da HQ	64
Figura 27- Ilustração de refresco para a HQ.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1.EVA INFESTADA	10
2.O INSETO E A COR	11
3.CASA.....	48
4.PROCESSO CRIATIVO	60
4.1. ORGANIZAÇÃO.....	60
4.2. PRODUÇÃO.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERENCIAL TEÓRICO.....	68

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deu-se através de estudos e reflexões sobre o meu trabalho na ilustração e, mais tarde, no desenvolvimento de narrativas visuais ao longo do curso, relacionando duas imagens principais, a casa e o inseto. A busca por artistas e textos que conversam com a minha proposta foi fundamental tanto para o desenvolvimento dessa pesquisa, quanto para reflexões pessoais que trouxeram mais sensibilidade para a execução da narrativa.

Partindo da metade do curso senti a necessidade da auto representação devido ao isolamento em que me encontrava. O mundo se reduziu à morada, e dessa forma meu objeto de estudo tornou-se a casa. A aparição dos insetos foi sorrateira. Em 2021 produzi uma pequena HQ, que conta a história de uma mulher que está presa de forma simbólica e literal à sua casa, e que aos poucos começa a ser tomada por insetos (tanto a casa quanto a personagem). A narrativa aborda a casa como exteriorização da condição psicológica de Eva, e usa como ferramenta movedora da história essa tomada por esses animais, que pouco a pouco tomam conta da sua morada. "Eva" é o desdobramento dessa obra.

Neste trabalho, pretendo explorar como a HQ "Eva" utiliza a metáfora dos insetos para representar a condição psicológica da personagem. Além disso, buscarei entender como a casa se torna uma extensão da personagem, refletindo seu estado mental. Para tanto, realizarei uma análise crítica da obra, levando em consideração aspectos como a narrativa, a arte e os simbolismos presentes na história. Através da narrativa exploro as relações entre o indivíduo e a casa, o indivíduo e o inseto e a casa e o inseto.

Ao eleger a HQ como material de trabalho, procuro dar ênfase à ilustração para explorar sensações inquietantes através da narrativa. Os insetos foram escolhidos como ferramenta precisamente por conta da sua profusão em número e diversidade de formas, enquanto carregam uma invisibilidade e distanciamento substanciais em relação a nós, seres humanos. Numa constante relação de fascínio e estranhamento, decidi explorar a partir de um envolvimento físico e psicológico com os insetos, chegando ao âmago do meu incômodo.

Optei por unir essa inquietação que esses seres causam com o aconchego e familiaridade da casa para promover um embate, um desconforto. A residência desempenha um papel crucial na integração de pensamentos, recordações e aspirações. É um lugar vivo, abrangendo tanto as vivências concretas quanto as imaginadas.

O formato que a história em quadrinhos oferece sustenta bem a progressão de agonia conforme o desenrolar da narrativa visual. A intenção é também trabalhar com a massa, com a ocupação do espaço causando quase um sufocamento a partir desses insetos, revelando uma ansiedade crescente da personagem.

O objetivo principal desta pesquisa é estudar a casa como uma extensão da psique do indivíduo a partir de um olhar artístico e simbólico. A obra deve revelar essa relação através das imagens de insetos e de interiores da casa/indivíduo. Procuro explorar a metáfora dos insetos para representar a condição psicológica da personagem.

Realizo uma análise crítica da obra, abordando aspectos narrativos e simbólicos, além de explorar as relações entre os objetos ilustrados, destrinchando a relação entre as referências trazidas e o trabalho desenvolvido.

Ao longo dos capítulos, procuro aprofundar o olhar no que diz respeito aos elementos principais do trabalho. Partindo de referências que permeiam do campo das artes visuais, da literatura e da cultura popular, aponto atravessamentos com TCC. Concluo o trabalho destrinchando o meu processo criativo, fazendo um breve memorial de pesquisas que me trouxeram até aqui, descrevendo as etapas até a finalização deste trabalho.

1.EVA INFESTADA

O quadrinho a seguir é resultado desse Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais.

Eva infestada se trata de uma mulher, que presa dentro de sua casa, passa a ser tomada por insetos, que aos poucos também dominam seu lar.



eva

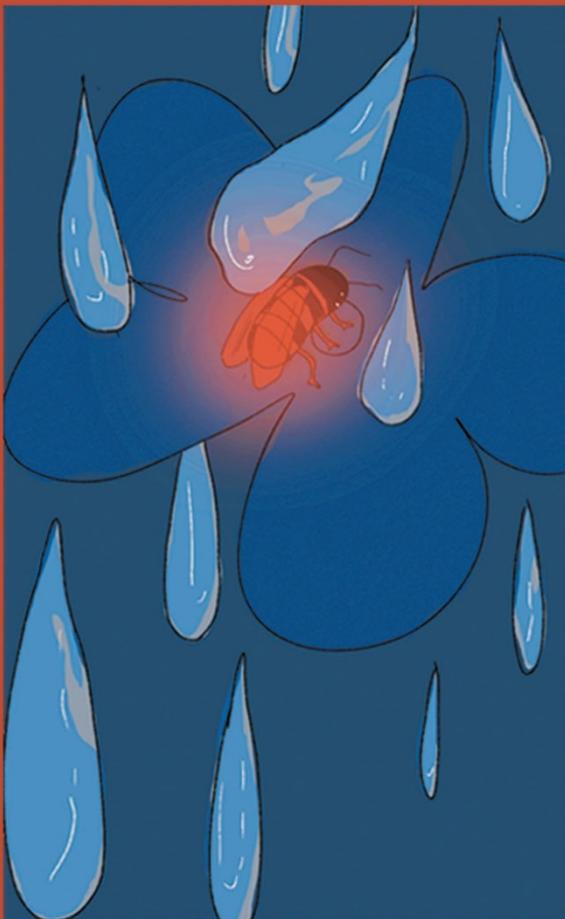
INFESTADA

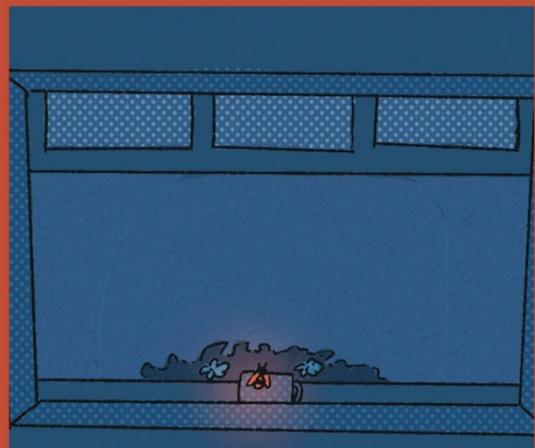
Cecília de Moura Oliveira

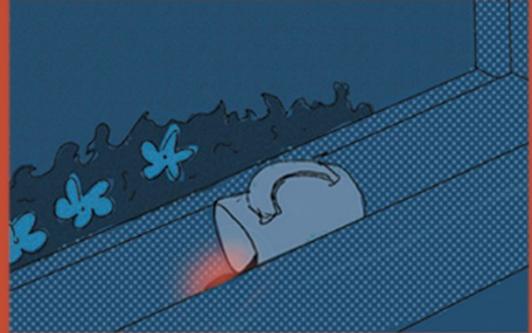
Toda uma vida de atenção — há quinze séculos eu não lutava, há quinze séculos eu não matava, há quinze séculos eu não morria — toda uma vida de atenção acuada reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza.

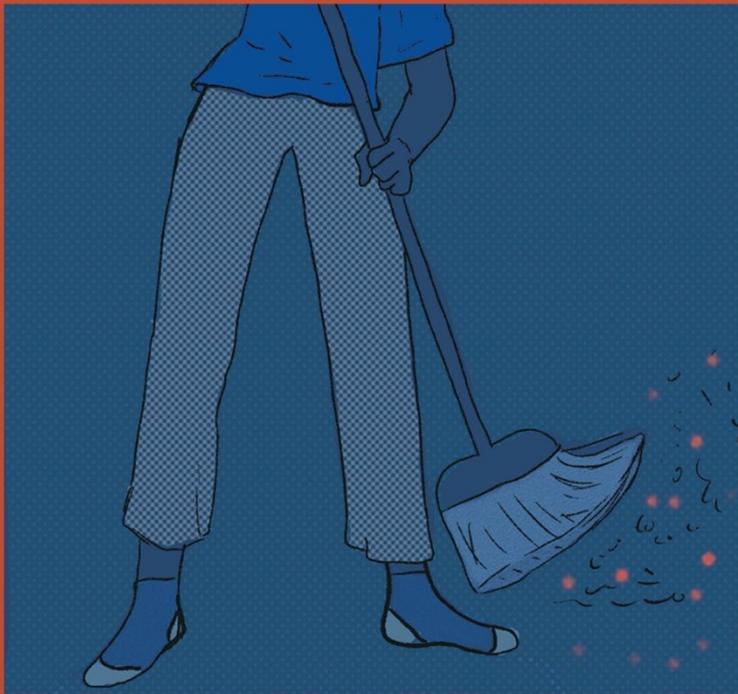
A Paixão Segundo G.H, Clarice Lispector

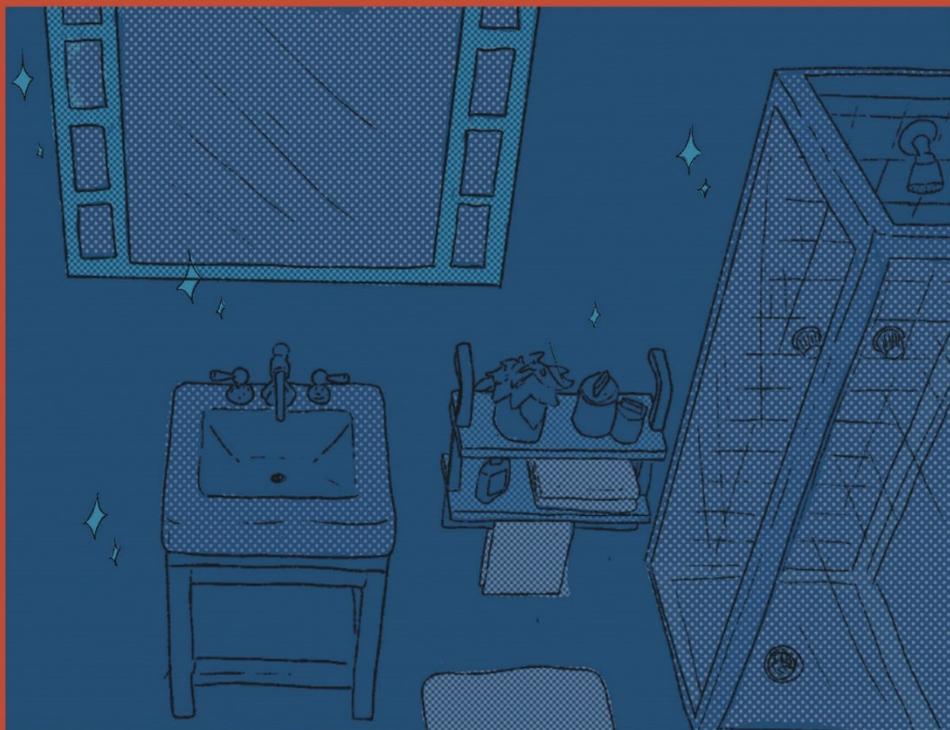
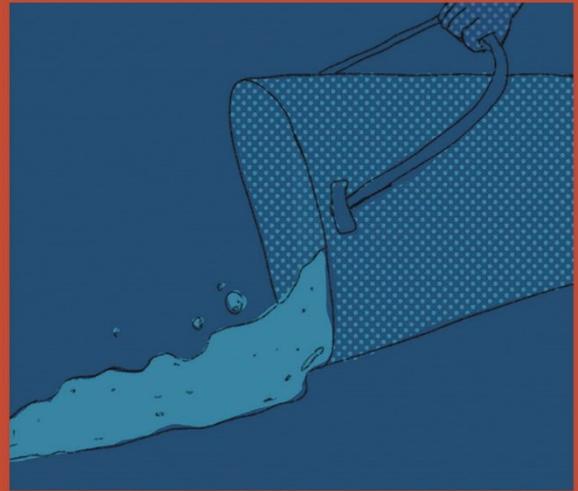
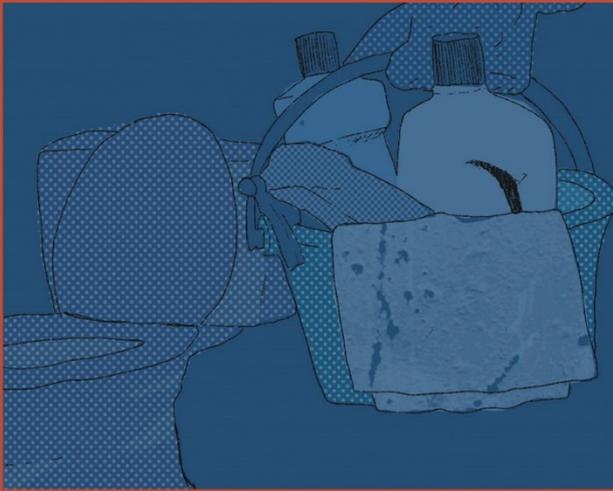


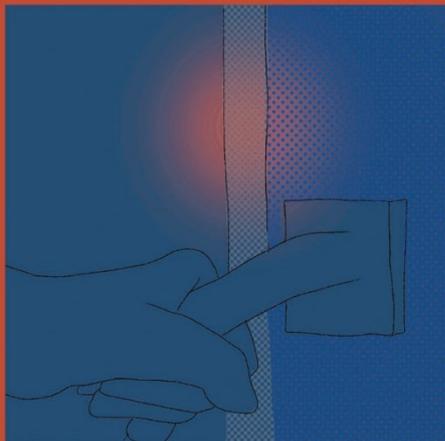
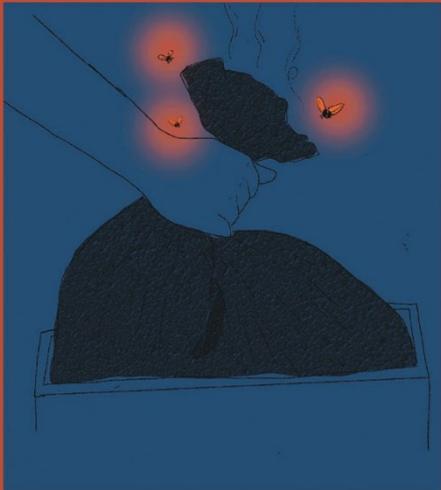


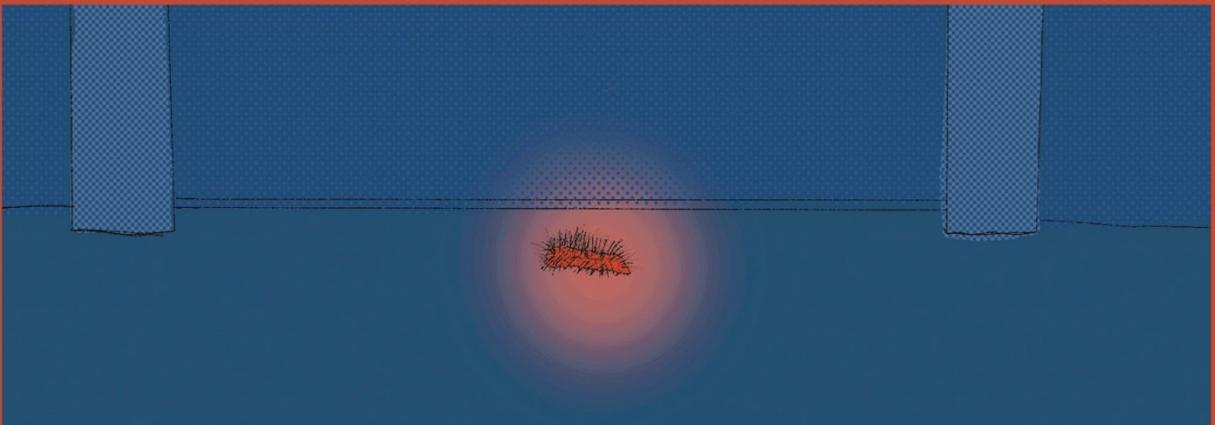
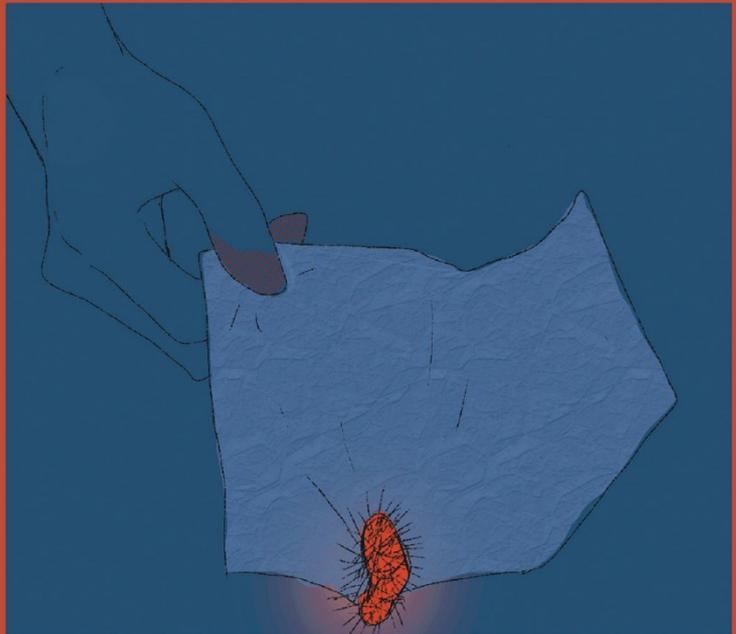
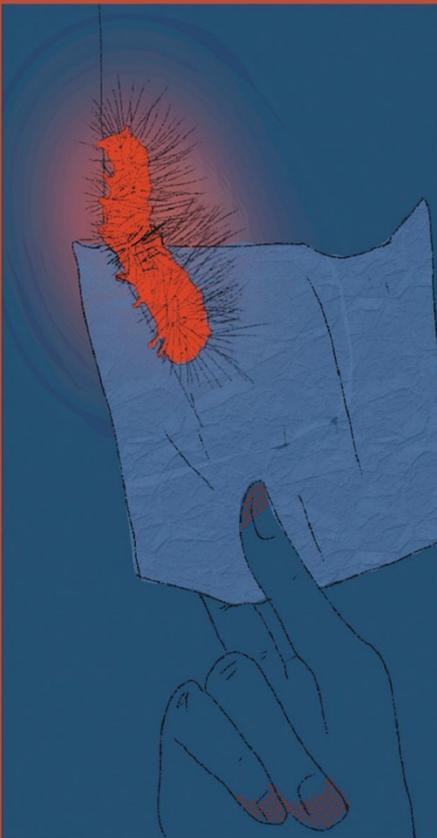
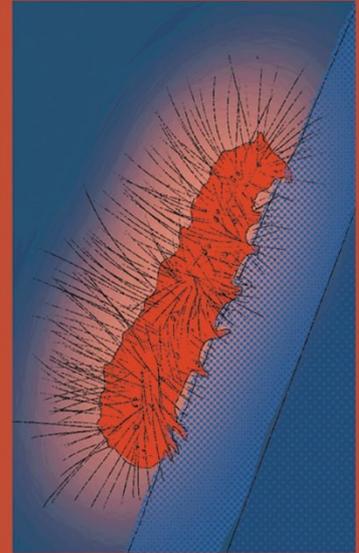
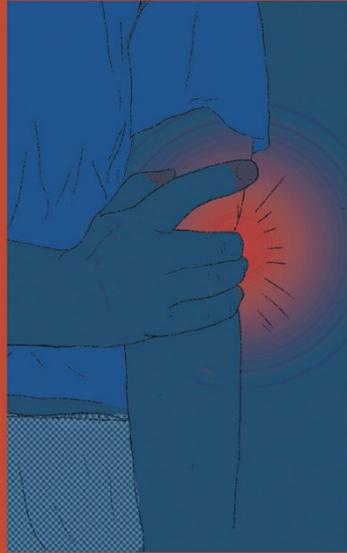


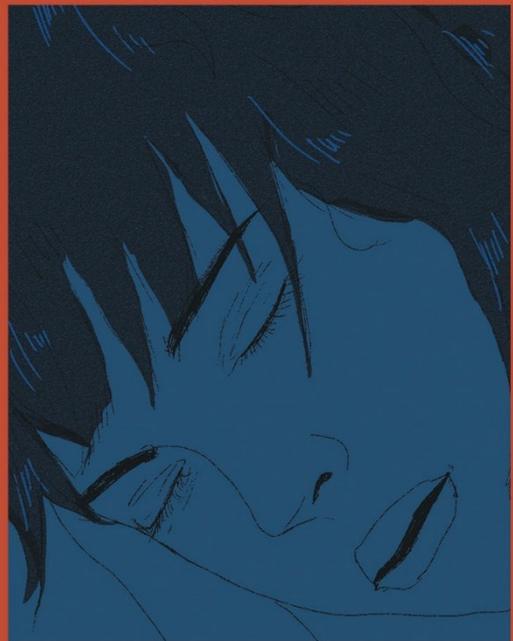




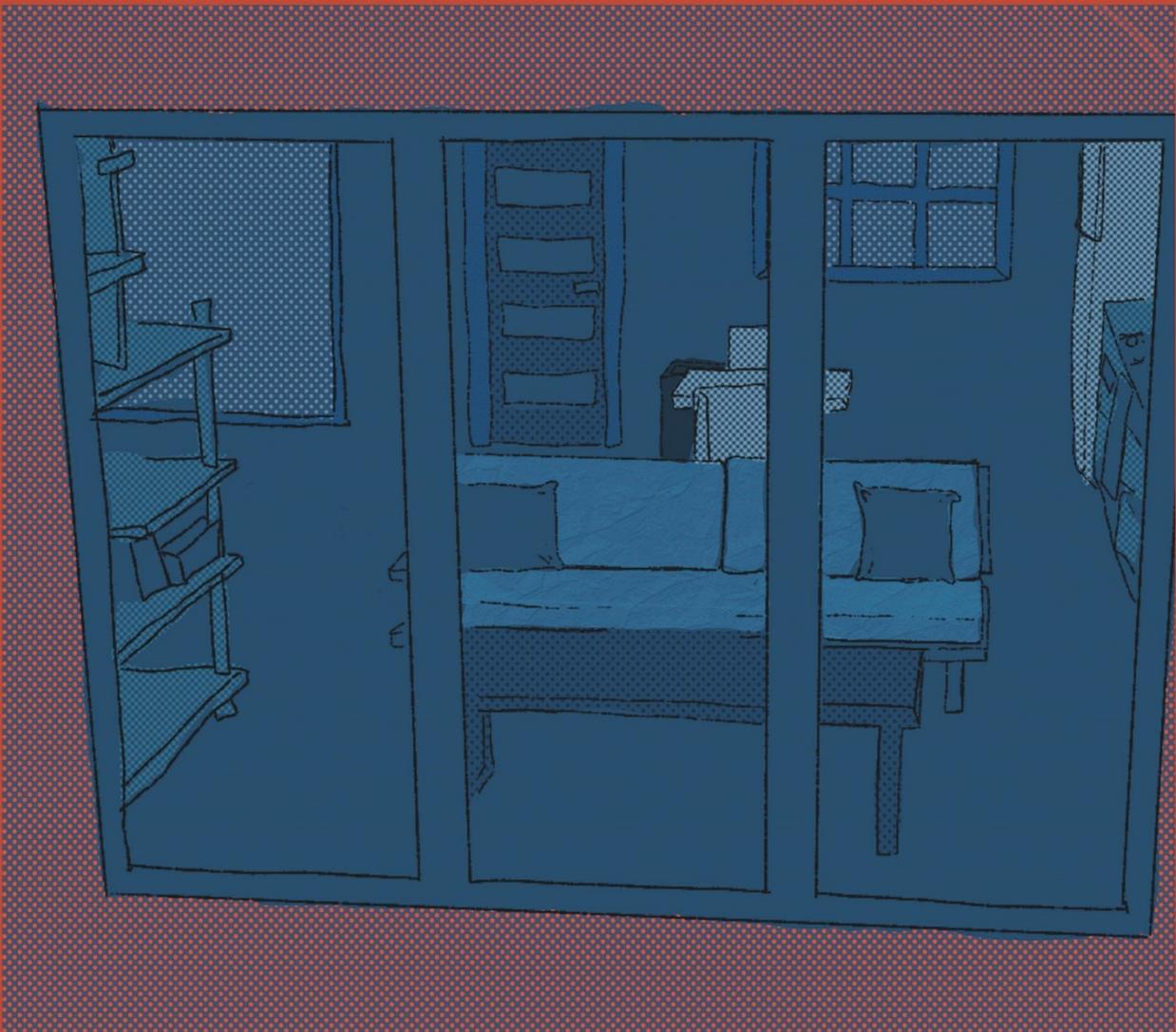
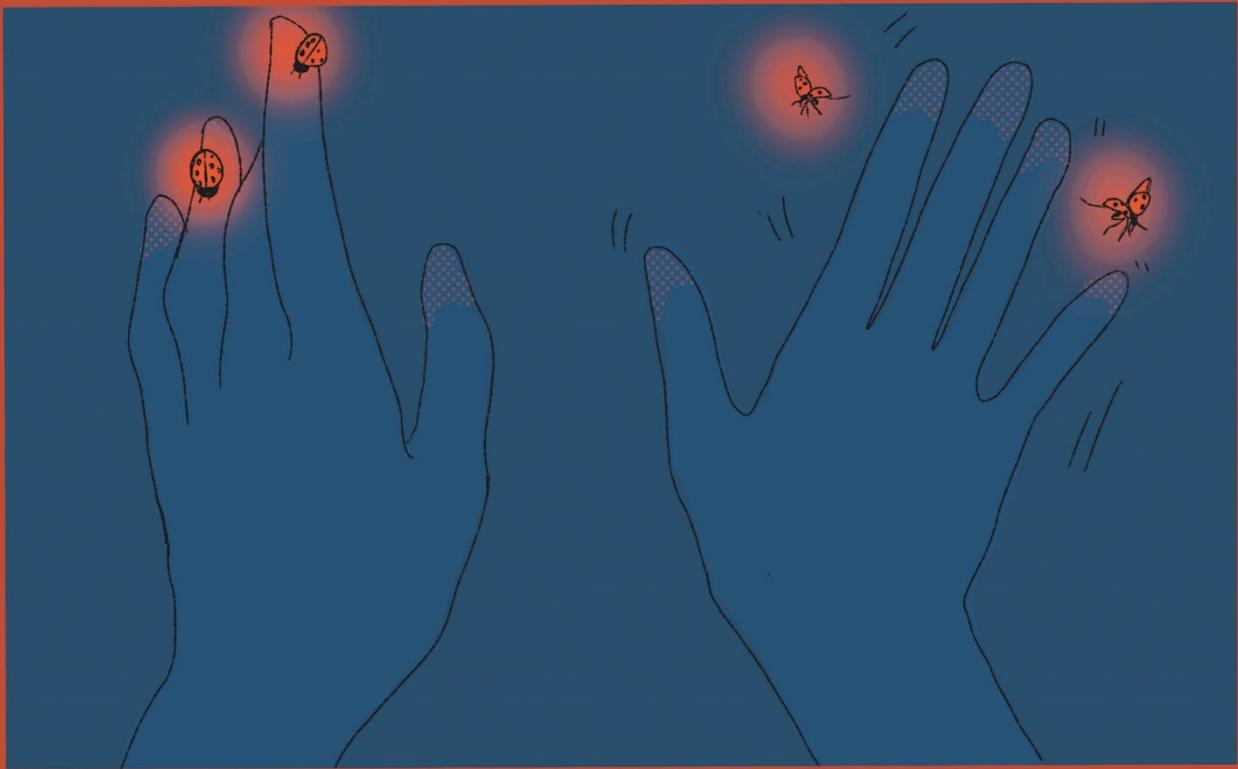


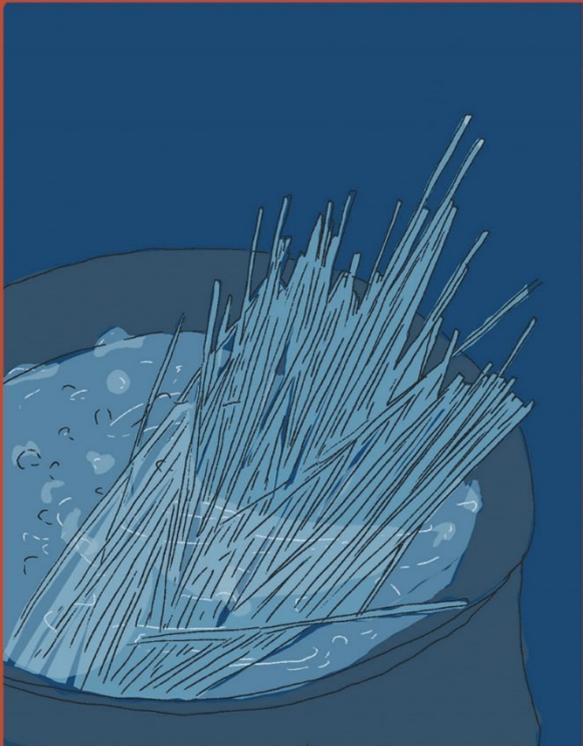
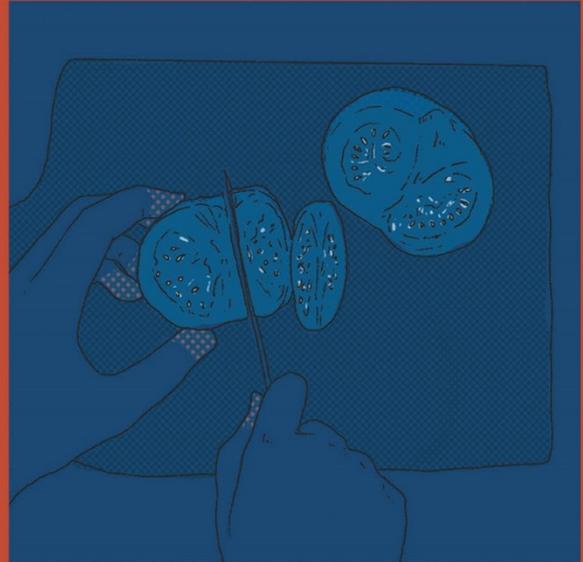


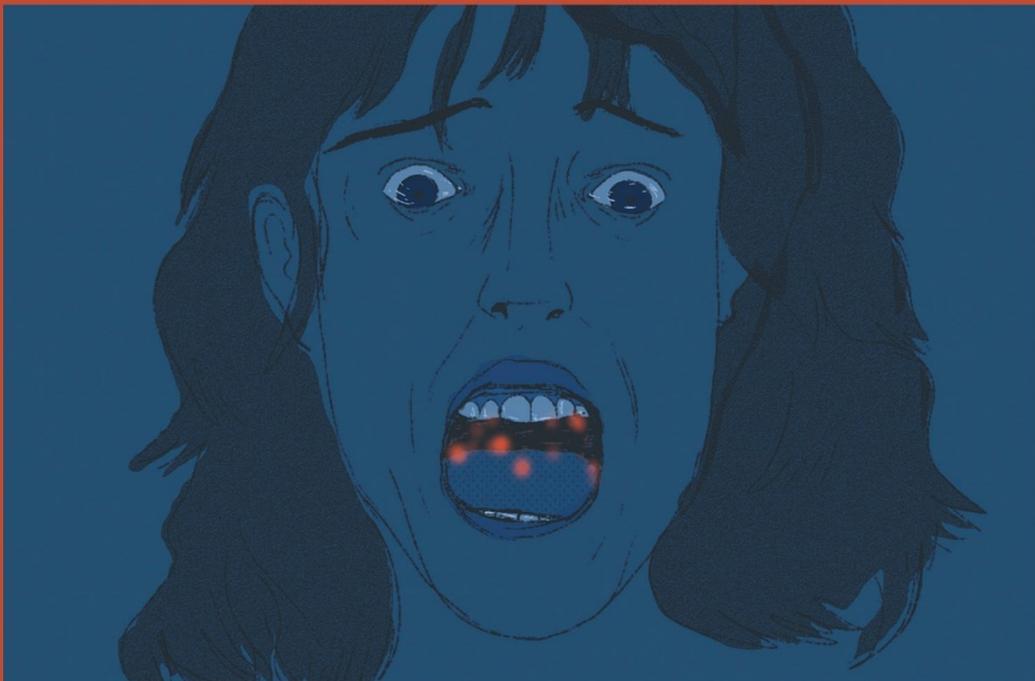
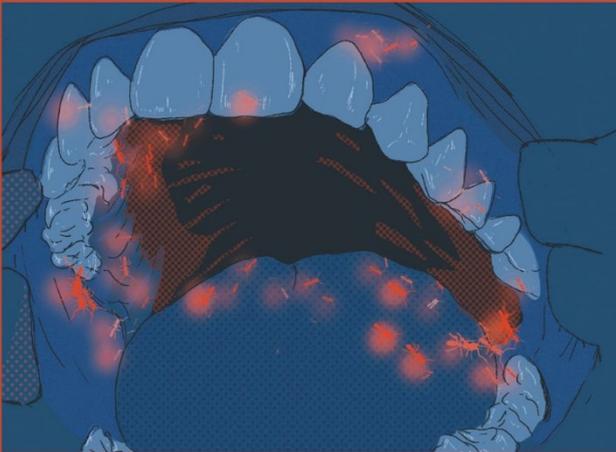
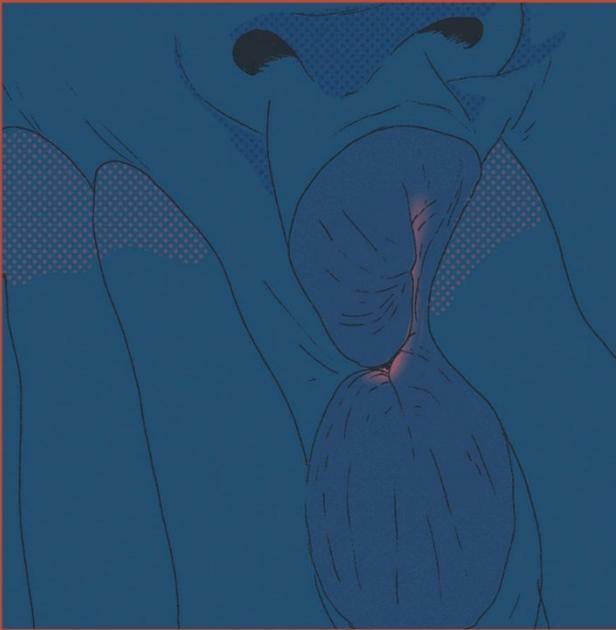




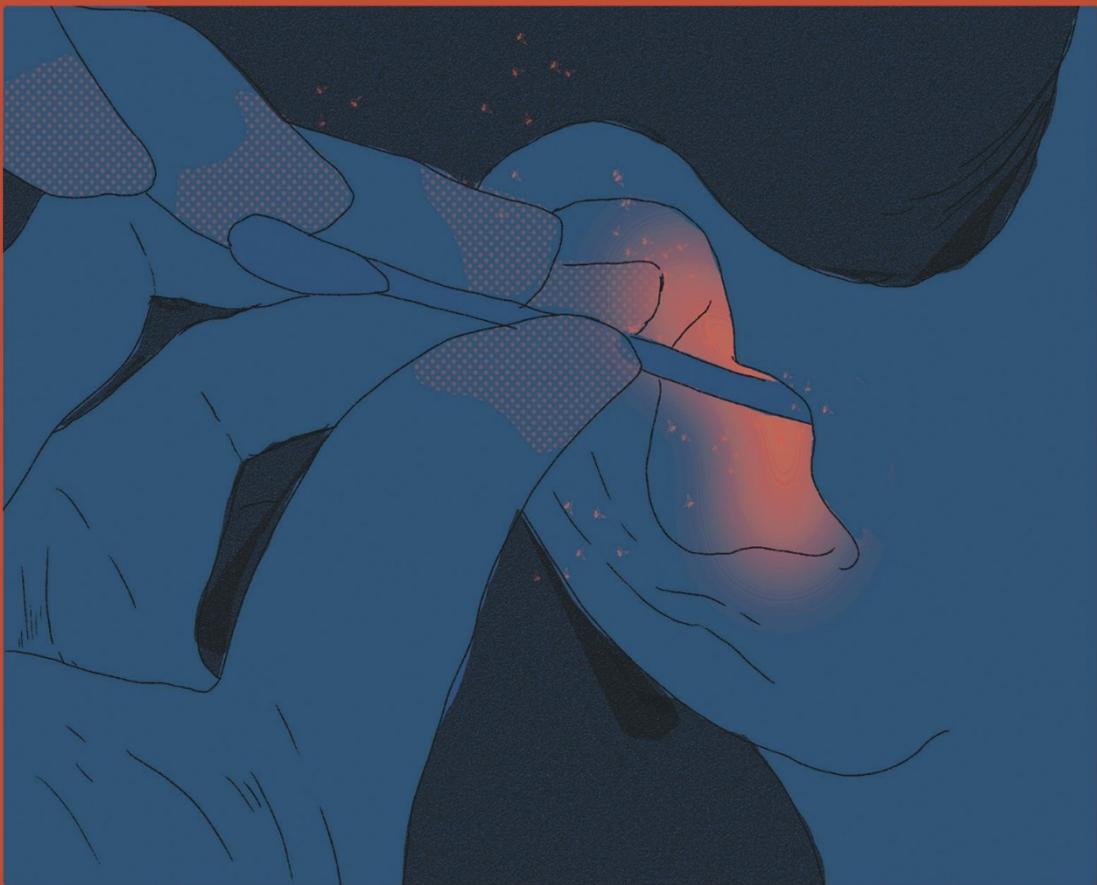
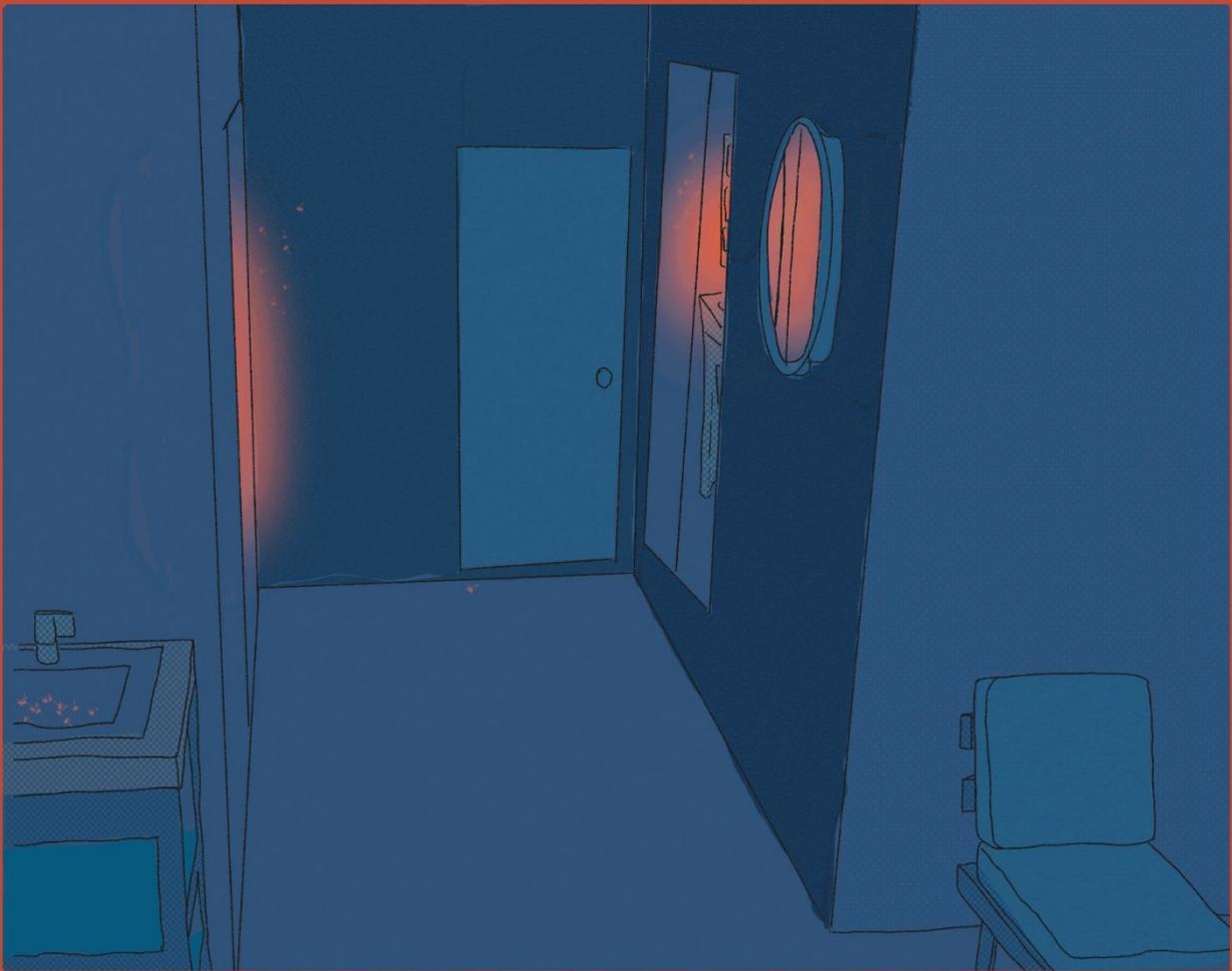


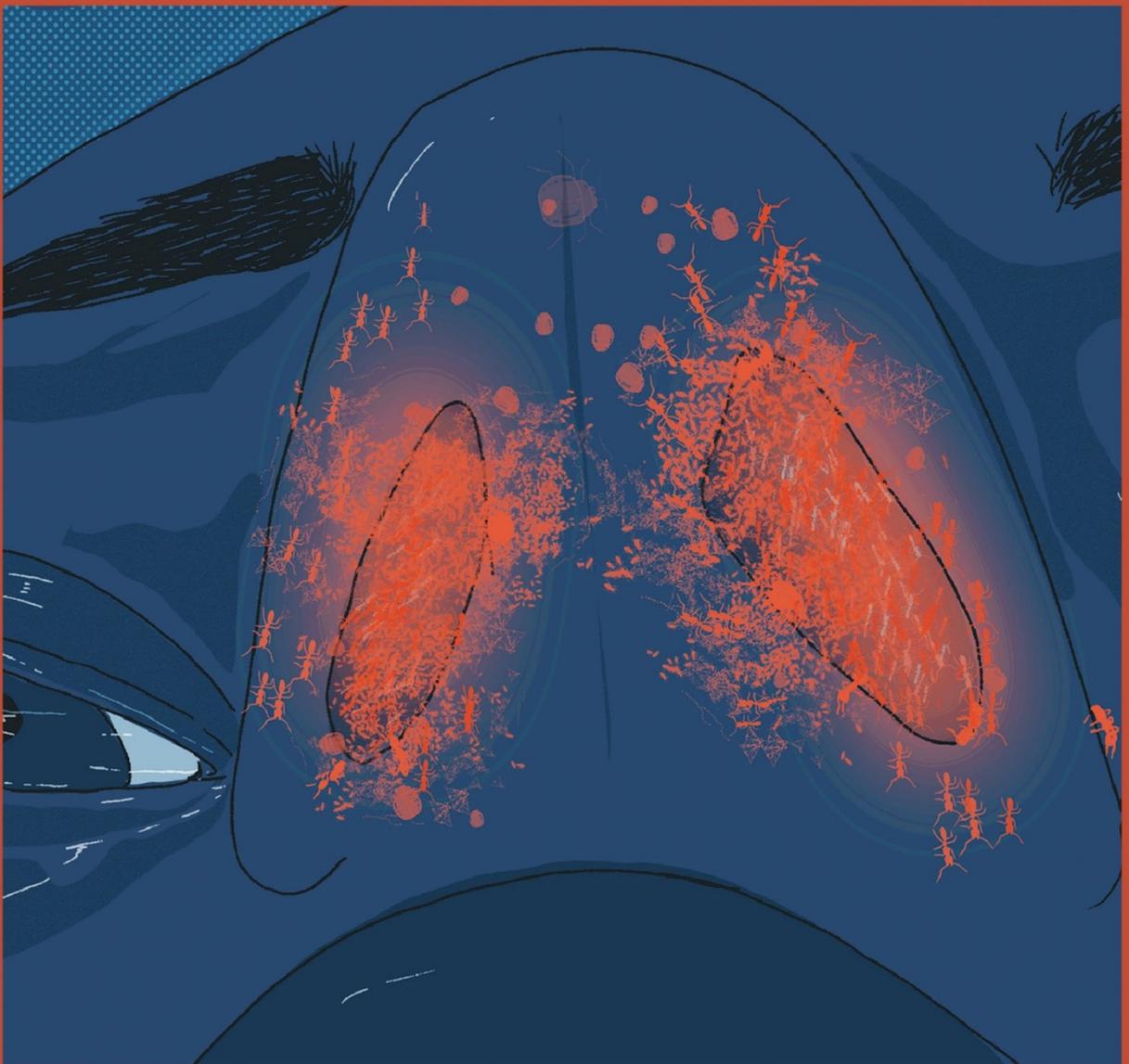
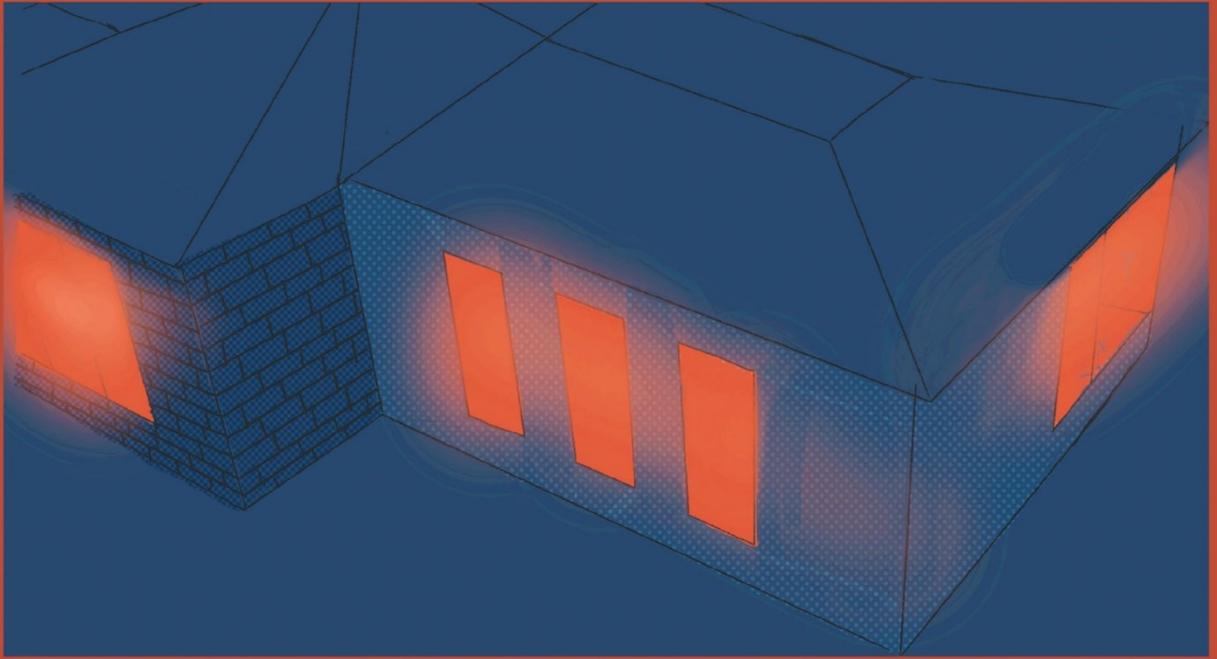


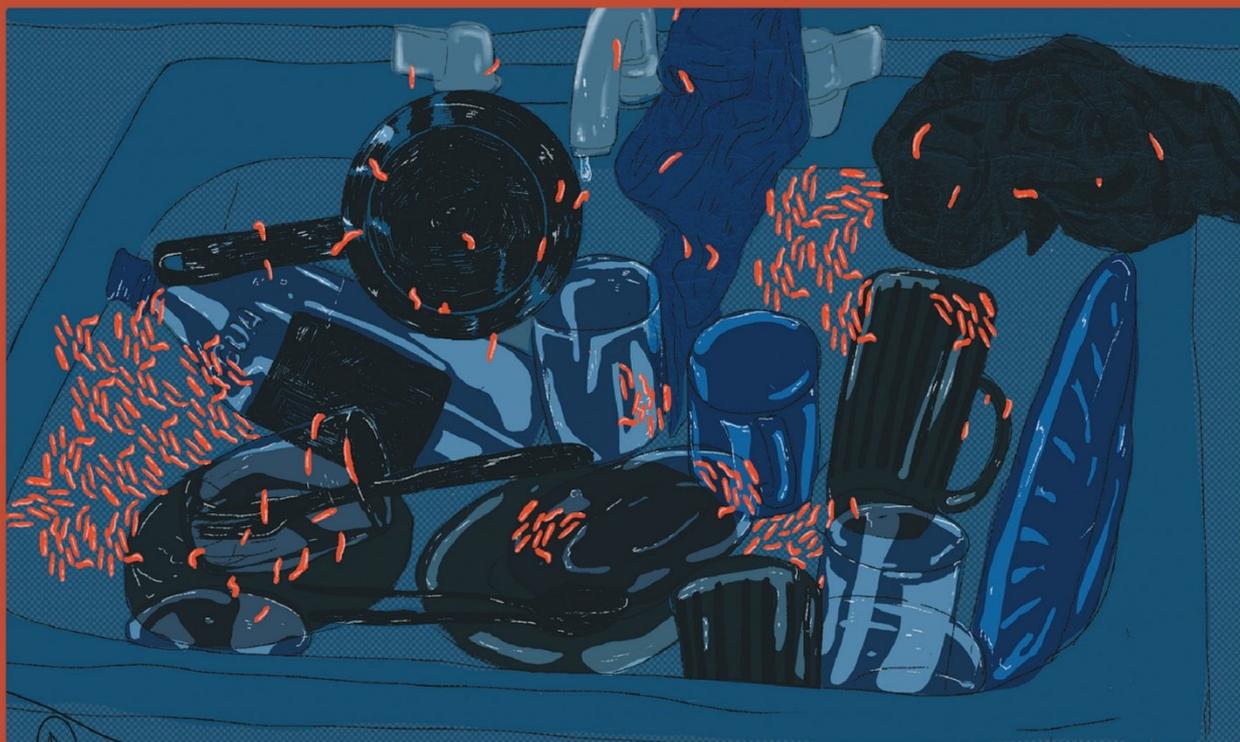


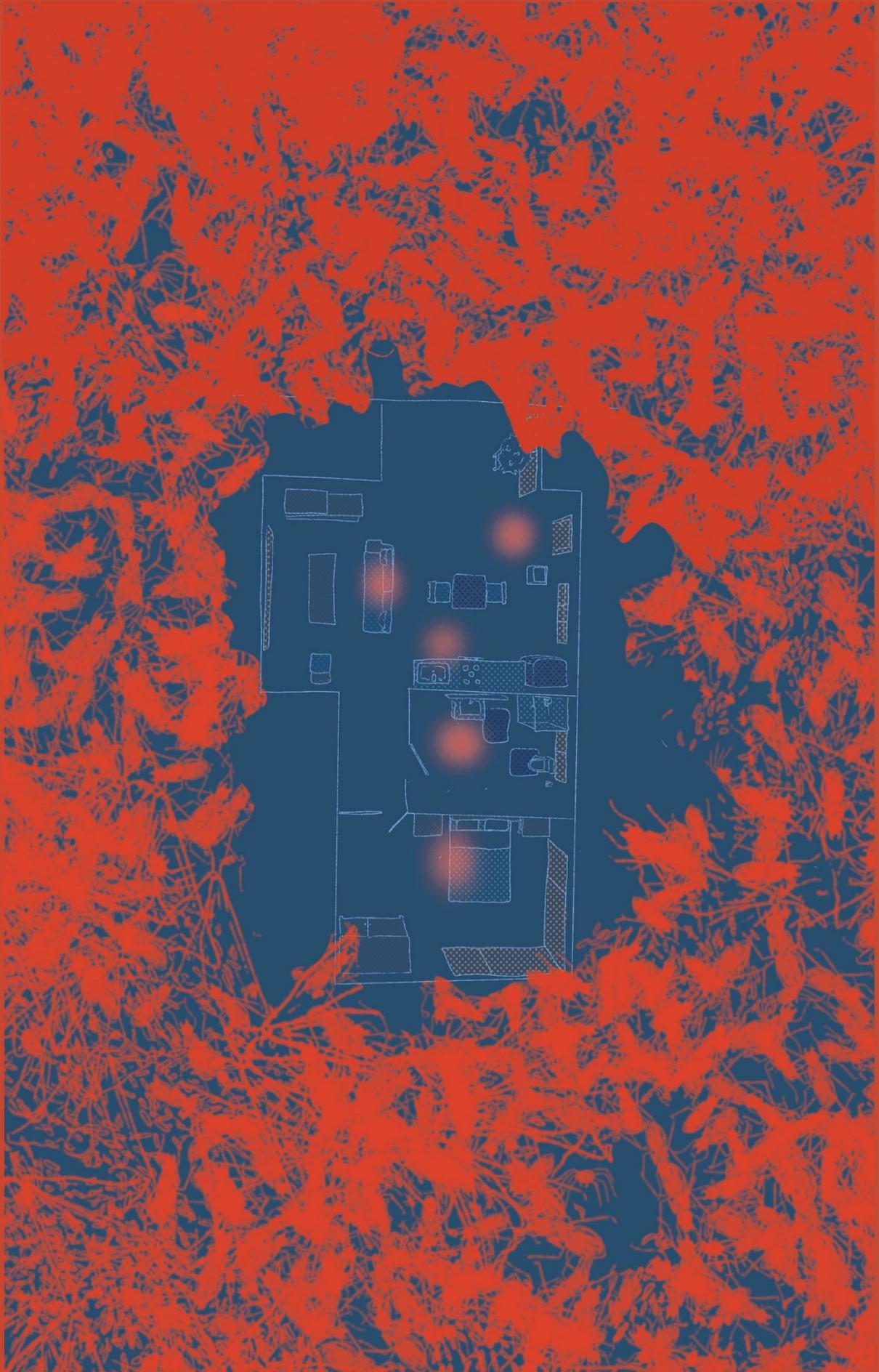


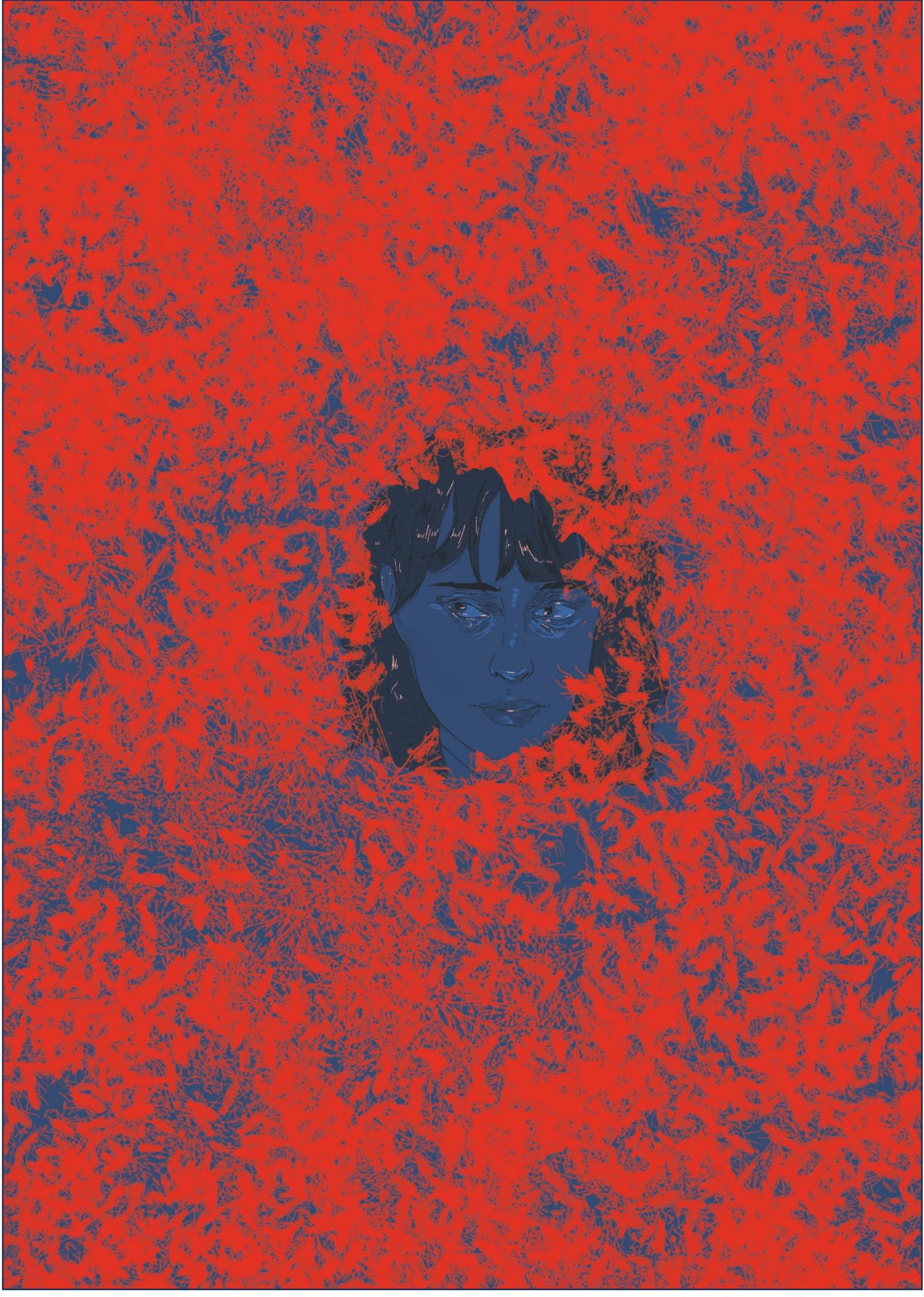












Trabalho de Conclusão de Curso

Artes Visuais-2023



2.O INSETO E A COR

A presença de insetos no nosso dia a dia é extremamente comum, já que passam pela nossa comida, nossos corpos e está em quase tudo que tocamos. Por conta de sua natureza rotineira, alguns deles passam despercebidos. Um exemplo desse contexto é a formiga, que para nós é tão familiar, com suas hierarquias e compartimentos que desempenham funções individuais específicas, lembram as divisões em nossas próprias residências. No entanto, apesar do comportamento social que se assemelha ao nosso, os insetos frequentemente provocam aversão, seja devido à sua capacidade de se tornarem pragas em plantações destinadas ao consumo humano, seja pela habilidade de carregar e transmitir doenças, algumas até fatais.

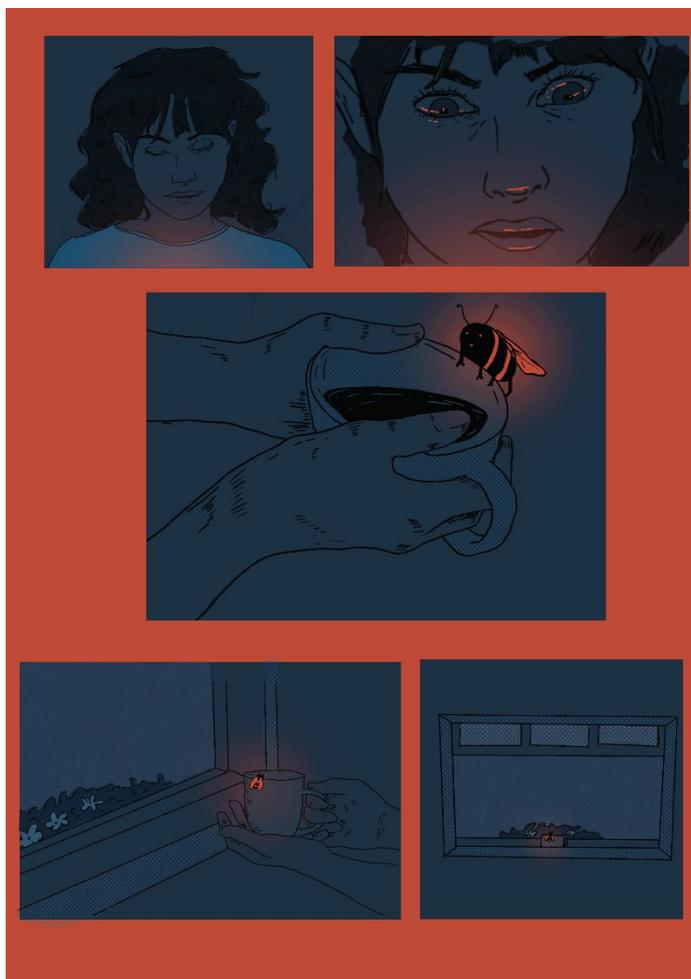
O medo e a aversão por esses seres são representados em textos bíblicos, quando no livro Êxodo, dos capítulos 7 ao 12, há a menção das grandes pragas do Egito a fim de mostrar a soberania de Deus. Por entre as pragas, enxames e multidões de piolhos, moscas e, os mais conhecidos, gafanhotos. Inicialmente, podemos supor que esses temores têm suas raízes em um passado ancestral da humanidade, quando tais reações representavam uma defesa contra venenos e doenças perigosas.

Apesar desses perigos terem sido em sua maior parte neutralizados pela biologia atual, ainda existe uma repulsa por esses seres. Por extrapolar o físico e mexer com o psicológico, muitos artistas e autores utilizam esses insetos como ferramenta para suas obras.

Partindo dessa aversão, introduzo o inseto na ilustração como fonte de choque. A aparição desses bichos causa o visível estresse da personagem justamente por conta do asco natural que a maioria das pessoas têm. Ao aparecer destacado, em uma cor tão contrastante com o resto da paleta de cores do resto dos elementos, o vermelho, grita no meio da composição, novamente, de forma aversiva.

Além disso, a aparição do primeiro inseto (Figura 1), a abelha, promove uma mudança de comportamento na personagem, tornando as interações com esses bichos cada vez mais íntimas. Absorvo a transformação a partir do contato com o inseto como forma de representação de contemplação existencial da minha obra preferida de Clarice Lispector.

Figura 1- Página do quadrinho: Primeiro contato.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Em “Paixão Segundo G.H”, a autora utiliza a alegoria da barata para mover a narrativa. No livro, a protagonista, identificada com G,H, descreve sua vida e sua decisão de limpar eu quarto de empregada, algo que nunca tinha feito antes. Ao matar uma barata com uma porta, ela percebe a presença de Deus na criatura. G.H continua a limpeza e encontra uma porta quebrada, atrás da qual há um quarto abandonado. Dentro desse quarto, ela encontra a imagem do corpo da empregada morta. Isso a leva a uma reflexão profunda sobre sua própria identidade e privilégio. Entra então em uma profunda contemplação filosófica sobre a existência, a identidade e a linguagem. Começa a questionar sua própria humanidade e se sente desconectada de seu próprio corpo. A protagonista experimenta uma intensa experiência mística ao tentar comer a barata morta que ela havia matado anteriormente, se sentindo uma com a

criatura e experimentando uma espécie de transcendência. G.H encerra eu relato refletindo sobre a transformação que ocorreu em sua vida após essa experiência, mencionando a busca de uma nova compreensão de si mesma e do mundo.

“A Paixão Segundo G.H” é uma obra complexa que explora temas existenciais, identidade, transcendência e linguagem. O livro é conhecido por sua narrativa densa e introspectiva, que desafia as convenções literária tradicionais. A aparição mitológica do inseto, guarda uma das maiores revelações para a personagem. Mariângela Alonso e Guacira Leite apontam esses aspectos do livro em “O substrato Mítico em a Paixão Segundo G.H”

Ao nomear os grifos, as salamandras, a imagem do deserto, as múmias, os sarcófagos, o texto nos fornecem elementos de ambiência oriental, os quais ajudam a compor o clima mítico e transcendente da narrativa. G.H. esmaga, com a porta, a barata pelo meio. Este ato relaciona-se à separação, à dualidade, às duas faces da interioridade de G.H.: a morte, representada pelos valores que serão abandonados, e a vida, o renascimento, ainda que difícil, de seus valores profundos. (ALONSO e LEITE, 2007, p. 82).

No livro, a barata é aproximada de uma cariátide, escultura de suporte nas entradas das acrópoles gregas, tornando esse inseto um símbolo de passagem para a personagem, que no final leva ao autoconhecimento. A barata ultrapassa o corriqueiro e atravessa para o mítico ao servir de alavanca para a jornada de G.H.

Toda uma vida de atenção — há quinze séculos eu não lutava, há quinze séculos eu não matava, há quinze séculos eu não morria — toda uma vida de atenção acuada reunia-se agora em mim e batia como um sino mudo cujas vibrações eu não precisava ouvir, eu as reconhecia. Como se pela primeira vez enfim eu estivesse ao nível da Natureza. (LISPECTOR, 1998, p. 53).

Figura 2- Página do quadrinho: Consumo



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Em uma das páginas finais do meu trabalho ilustro um consumo grotesco inspirado na obra de Lispector (Figura 2). A adição desse elemento na minha narrativa em um momento de resolução e colapso da história tem como objetivo provocar estranhamento e simbolizar uma aceitação transformativa, emulando quando algo semelhante acontece em “A Paixão Segundo G.H”. O ato de comer uma mão cheia das larvas que infestaram sua cozinha atravessa o nojento e o estranho, assim como ocorre durante o consumo da barata por G.H.

Além dessa, muitas outras representações de insetos foram feitas em diversos campos da arte e da literatura, justamente a fim de representar uma subjetividade. Talvez o mais famoso deles seja em “Metamorfose”, de Franz Kafka. Falar do autor tcheco é falar sobre o artista que soube capturar as angustias e ansiedade do século vinte e apresentá-las de um modo que a obra traçou novos rumos para a literatura

ocidental ao discutir a fragmentação do homem isolado ou alienado contra o pano-de-fundo da metrópole anônima e impessoal. A novela escrita e publicada em 1915 segue a história de Gregor Samsa, um vendedor que acorda um dia transformado em um inseto gigante. Confrontado com essa nova condição, Gregor enfrenta o desafio de se adaptar a sua metamorfose e como sua família reage a essa mudança abrupta. A narrativa explora temas como alienação, isolamento, relação familiar e a natureza humana através da metáfora da transformação física. A história mergulha nos sentimentos de estranhamento e desumanização, enquanto examina as complexidades emocionais e psicológicas que surgem tanto na perspectiva de Gregor quanto de sua família.

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo de qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos. (KAFKA, 1915, p. 6).

Franz Kafka é conhecido por sua contribuição à literatura fantástica, onde suas obras frequentemente exploram um mundo surreal e absurdo, desafiando a lógica e a realidade. Seu estilo literário compartilha afinidades com o Expressionismo, um movimento artístico que enfatiza as emoções e a psicologia, incorporando elementos distorcidos para transmitir temas que desconstroem a realidade. “Metamorfose” apresenta transformações dos personagens, e evoca uma atmosfera de pesadelo, contribuindo para a sobreposição entre o Expressionismo e a literatura fantástica, onde o inexplicável se funde com a exploração do interior humano. Particularmente, o expressionismo alemão, influenciou de maneira significativa a criação do quadrinho “A Metamorfose”, de Peter Kuper. O expressionismo alemão é caracterizado pelo trabalho de contraste entre o claro e o escuro, criando a impressão de opressão dos personagens diante dos cenários. A cena, os ambientes, toda a composição sofrem modificações ou mutilações para transmitir um clima claustrofóbico e de tensão.

Pensando em todos esses conceitos, em 2003, o artista gráfico norte-americano Peter Kuper¹ utilizou Kafka, o expressionismo, a literatura fantástica e

¹ Peter Kuper é um ilustrador e cartunista norte-americano conhecido por ser o artista e autor de *Spy vs Spy*, além de ser cofundador da *WW3 Illustrated*.

elementos de revistas em quadrinhos como matéria para apresentar sua visão peculiar do pesadelo kafkiano. A adaptação homônima como história em quadrinhos utiliza a arte em preto e branco, com traços fortes e detalhes marcantes para criar uma atmosfera opressiva e surreal que reflete o ar de Franz Kafka, absorvendo a estética cinematográfica do expressionismo alemão. Sobre o estilo do cartunista, Carolina Vik Pereira, doutoranda pela Universidade de Victoria, no Canadá, comenta no artigo “Creators and Creatures: Visualizing Franz Kafka:

O estilo ilustrativo de Kuper é quase agressivo e visualmente antagonista, com traços ásperos e afiados. O contraste em preto e branco presente na maioria das novelas gráficas de Kuper cria a atmosfera escura e multifacetada pela qual as histórias de Kafka são conhecidas. Como Scott McCloud² diz em “Understanding Comics”: “Em preto e branco, as ideias por trás da arte são comunicadas de forma mais direta” (McCloud 1988, p.192), o que evoca como os cenários de realidade distorcida de Kafka são idealmente adequados ao meio dos quadrinhos. (VIK, 2023).

Apesar de se manter fiel à história original, o trabalho de Kuper torna o livro acessível a um novo público mantendo aspectos da alienação, desumanização e estranheza, mas agora de forma visual. Essa adaptação de “A Metamorfose” (Figura 3), oferece uma nova perspectiva sobre a obra de Kafka, ao mesmo tempo que homenageia sua visão única e atemporal da condição humana, ilustrando a capacidade das histórias em quadrinhos de reinterpretar e revitalizar clássicos literários de maneiras visualmente cativantes.

As obras literárias mencionadas até agora, embora escritas em contextos culturais e históricos diferentes, compartilham uma exploração rica da condição humana, utilizando a mudança e o esquisito, o que as torna importantes pontos de referência na literatura moderna. Levando tudo isso em consideração, busco traduzir para a minha realidade essa narrativa, utilizando a linguagem gráfica da ilustração assim como Peter Kuper. O choque das aparições cada vez mais recorrentes dos insetos de Eva, o isolamento em uma casa, o silêncio da história em quadrinhos sem

² Scott McCloud é um autor e teórico renomado no mundo dos quadrinhos, especialmente conhecido por seu livro “Understanding Comics: The Invisible Art”.

diálogo, tudo isso condido em uma paleta de cores reduzida, mas contrastante, faz com que essa obra tenha uma atmosfera surreal, e espero que em momentos até mesmo perturbadora.

Figura 3- Página da adaptação “The Metamorphosis”, de Peter Kuper.(2003)



Fonte: [www. https://www.bostonglobe.com/arts](https://www.bostonglobe.com/arts). No page-turning required- The Boston Globe. Acesso em outubro de 2023.

Indo além dessas referências literárias, é indispensável mencionar as referências visuais que tornaram a concepção desse trabalho possível. Pensando na relação com esses bichos que Lispector e Kafka abordam, o trabalho de Regina Silveira, “Mundus Admirabilis” (Figura 4), se destaca em dimensão e carga simbólica. Silveira utiliza-se de adesivos gigantescos de insetos daninhos, comentando de forma contemporânea sobre as pragas bíblicas do mundo atual. Essas obras são transpostas de maneira monumental, por exemplo no CCBB de Brasília em 2007 como “Jardim do Poder”, de forma que dentro dessa espécie de casa de vidro, os animais fariam sombras de lado de dentro, invadindo de outra maneira o espaço. Essa

invasão mostrada pela artista reafirma e colabora de certa forma para a narrativa de Eva, já que na história há uma invasão, uma infestação desses insetos de forma tanto literal quanto simbólica. Regina Silveira comenta:

A ideia de usar imagens de insetos daninhos para comentar aspectos de deterioração e conflito pertence ao universo conceitual de trabalhos ainda inéditos que venho planejando e mesmo executando, pouco a pouco, em diversos meios, na tentativa de reatualizar, na contemporaneidade, as velhas pragas bíblicas, históricas e míticas. Operando na hipótese de sua possível transposição para outros territórios da significação, as pragas revisitadas seriam metáforas não-lineares das pragas muito mais furiosas que hoje em dia nos assolam, a nível mundial e global, em diversas frentes: sociais, ambientais, culturais e "civilizadoras", ameaçando um futuro que parece a cada dia mais inviável. (SILVEIRA, 2019)

Figura 4- Mundus Admirabilis (2007).



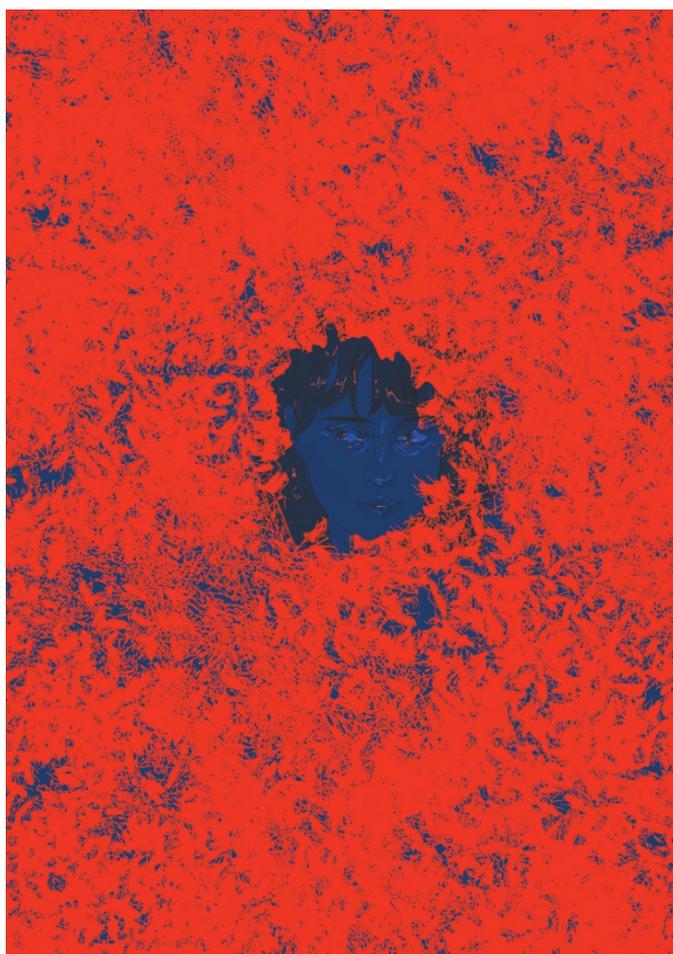
Fonte: <https://reginasilveira.com/MUNDUS-ADMIRABILIS-1>. Acesso em julho de 2022.

Em “Mundus Admirabilis” a artista transporta esses animais para a grande escala por meio de uma instalação. As obras feitas com plotagem em vinil adesivo aplicadas em paredes monumentais proporcionam um parecer impossível, já que a escala dessas representações é incompatível com a proporção real, dando a

impressão de um isolamento magnífico. Os insetos de Silveira são imagens apropriadas de publicações de história natural do século XVII, na era pré-fotográfica. Portanto essas representações são extremamente descritivas e detalhadas, e muitas vezes incluíam espécies praticamente imaginadas.

Quando ilustro de forma absurda e monumental os bichos, principalmente nas páginas finais, procuro explorar a grandeza simbólica desses seres na psique da personagem (Figura 5). Ao ser engolida por um mar de insetos retomo o comentário de Regina Silveira sobre temor das pragas bíblicas como metáforas sobre as agonias contemporâneas. De certa forma, incorporo as projeções da artista ao exprimir a mesma sensação de pequenez diante desses bichos, dessas aflições.

Figura 5- Página do quadrinho: Cheio



Fonte: Arquivo pessoal.

A artista multimídia ainda explora temas que passam pela composição da imagem, pela reinvenção da representação, pelo poder e pela política. Silveira começa a representar insetos daninhos por meio da pintura em peças de porcelana brancas de uso cotidiano, como metáfora de pragas que assolam o mundo contemporâneo (Figura 6). Esses objetos pintados evocam o doméstico de certa forma, o que remete ao caráter íntimo da casa de Eva e de sua relação intrínseca com seus pertences caseiros, e como a presença desses bichos permeia simbolicamente tudo que a personagem vive, respira e toca em algum momento.

Figura 6-SUDDENLY, *Regina Silveira* (2000).



Fonte: <https://reginasilveira.com/filter/objeto/PORCELANAS>. Acesso em julho de 2022.

Os insetos ganham interpretações poéticas quando representados de forma pungente, criando um contato mais próximo com o ser humano, trazendo uma sensação de inquietude. Em “Fly” (1970), de Yoko Ono, uma grande coleção de imagens simbólicas e surreais, exploram temas como liberdade, imaginação e transcendência. Essas imagens simples e abstratas de uma mosca se movendo lentamente por uma paisagem desértica ou caminhando sobre o corpo nu feminino de

uma atriz, trazem um misto de sensações de liberdade e morbidez, como se a mosca estivesse tocando um orgânico morto, podre (Figura 7).

Figura 7- *FLY*, Yoko Ono (1970).



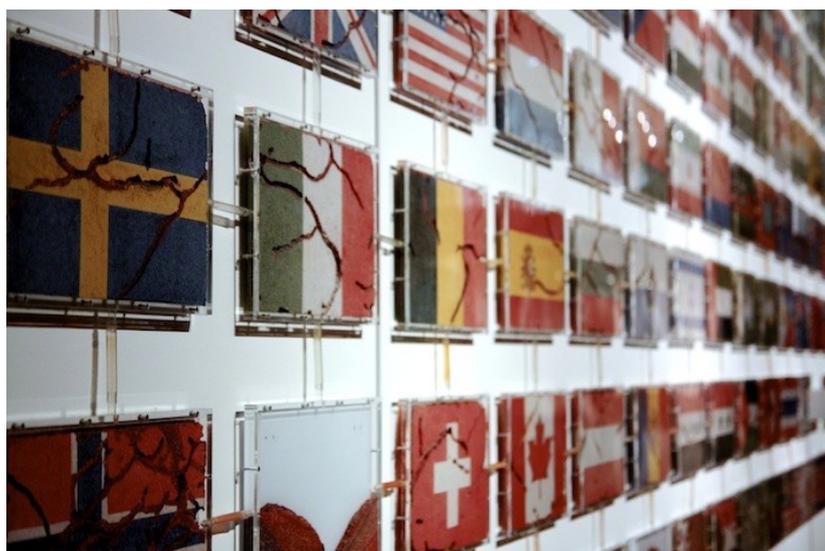
Fonte: Imagem retirada do filme *FLY*. Acesso em outubro de 2023.

Assim como no curta-metragem da artista, busco trabalhar esse passeio do inseto pelo corpo trabalhando duas sensações em momentos diferentes da narrativa. No início, esse toque causa a reação natural de estranhamento e coceira, incorporando o reflexo humano que temos de buscar a causa dessa amolação, portando a personagem se assusta, se coça. Mas, ao final da história, Eva parece se entregar ao asco, e apenas deixa esses bichos passearem pelo seu corpo, como se não estivesse mais dentro de si e em controle de seus reflexos, quase morta.

Pensando nesse passeio, trago outro uso de insetos como material artístico que carrega um peso simbólico como referência. O trabalho “The World Flag Ant Farm” (Figura 8), do artista japonês Yukinori Yanagi, colabora com o múltiplo e minúsculo mundo das formigas. Yanagi criou uma série de bandeiras mundiais despejando areia colorida em um labirinto de caixas de acrílico interligadas por tubos. Em seguida, ele introduziu formigas vivas na fazenda de arte e permitiu que elas seguissem suas vidas cotidianas. No processo de escavar a areia, as formigas criaram rachaduras nas bandeiras e misturaram as cores do design de identificação de cada país.

O movimento simbólico das formigas através das fronteiras arenosas é uma afirmação sobre a identidade nacional e a divisão das culturas em todo o mundo. Enquanto as formigas trabalham para transportar alimentos e areia pelo sistema, as areias evoluem ao longo do tempo, e o sistema dividido se desintegra em uma mistura ambígua de bandeiras. O poder transformativo do trabalho das formigas sobre a obra me faz pensar na existência de um corpo inseto formado de muitos seres, que juntos movem o que quer que seja. Na narrativa visual que desenvolvi, tenho o intuito de demonstrar essa força transformativa, que mesmo sendo distante do trabalho de Yanagi conceitualmente, bebo da mesma fonte no que diz respeito à desintegração ao longo do tempo através da ação das formigas.

Figura 8- The World Flag Ant Farm, Yukinori Yanagi (1990).



Fonte: <http://www.yanagistudio.net/>. Acesso em abril de 2023.

Além da presença desses bichos na literatura e nas artes visuais, eles também ocupam um lugar de destaque na cultura popular. Dois exemplos notáveis que exploram essa relação com os insetos são os romances “James e o Pêssego Gigante” de Roald Dahl (Figura 9) e “Coraline” de Neil Gaiman (Figura 10). Em ambas as histórias, os insetos desempenham papéis significativos, contribuindo para a atmosfera e simbolismo das narrativas. No primeiro, insetos gigantes auxiliam James, personagem principal, a superar desafios em sua jornada, ou seja, aparecem de forma amigável e como guias. Já na obra de Gaiman, o inseto aparece como uma das

ferramentas de uma atmosfera sinistra, que inclui uma versão alternativa da mãe de Coraline que vagarosamente se transforma em uma aranha e imagens de insetos que enchem a cena, e aparecem, por exemplo, como móveis da casa.

Ainda dentro do mesmo universo, e coincidentemente do mesmo diretor, Tim Burton, trago o filme “Beetlejuice” (1988). O título do filme refere-se a um personagem chamado Betelgeuse, um fantasma excêntrico que ajuda um casal recentemente falecido a assustar os novos proprietários de sua casa. O nome se refere a um tipo específico de inseto conhecido como “besouro-juiz” (ou “jewel beetle” em inglês), que são considerados fascinantes devido a sua aparência única devido ao seu brilho metálico e cores vibrantes, que se assemelham a joias. O filme se passa em uma casa vitoriana macabra e mal-assombrada (Figura 11), cheia de elementos sobrenaturais e bizarros. Mesmo que os usos desses bichos nesses três exemplos sejam singulares, as adaptações cinematográficas dessas histórias possuem um estilo sombrio e surreal que provoca estranheza, atravessando o desconforto que o inseto causa no indivíduo e na casa. Tenho essas três obras como rumo para ilustrar as situações vividas por Eva no meu trabalho, a fim de permear o surreal e o terror.

Figura 9- Frame do filme “James e o Pêssego Gigante”, de Tim Burton. (1996).



Fonte: www.disneyplus.com. Acesso em outubro de 2023.

Figura 10- Frame do filme “Coraline”, de Tim Burton. (2009).



Fonte: www.primevideo.com. Acesso em outubro de 2023.

Figura 11- Frame do filme “Beetlejuice”, de Tim Burton. (1988).



Fonte: www.hbomax.com. Acesso em novembro de 2023.

A análise e exploração do papel dos insetos na literatura, nas artes visuais e na cultura popular, oferecem uma visão multifacetada desses seres em diferentes contextos. As referências trazidas oferecem uma compreensão mais profunda de como os insetos podem ser usados como símbolos e metáforas, desencadeando uma variedade de emoções e significados, desde estranheza e aversão, até transcendência e transformação.

Ao longo do trabalho, procuro mostrar como essa ferramenta pode ser utilizada na minha narrativa, desempenhando um papel central na construção da atmosfera e

simbolismo da história. Essa base interdisciplinar oferece uma visão abrangente do assunto, o que unida à compreensão da casa como pano de fundo e elemento artístico, fazem com que a narrativa autobiográfica que apresento construam imagens que transmitam um sentimento pessoal.

3.CASA

A casa sempre foi um objeto de estudo que sempre me interessou desde muito cedo. Inclusive por anos pensei na arquitetura como uma carreira que poderia seguir, muito por influência do meu pai, arquiteto. Porém, percebi que o que me instiga é muito mais a poética da casa, e as raízes sensíveis que fazem com que esse lugar tenha tanta influência na nossa construção individual. Ao longo do curso tive contato com várias referências visuais e teóricas sobre esse objeto que me fizeram aprofundar esse interesse a ponto de desenvolver diversos trabalhos que atravessam o tema, mesmo que indiretamente.

Partindo das minhas próprias reflexões sobre a casa, absorvo a obra “Poética do Espaço”, de Gaston Bachelard (BACHELARD,1958), como ponto de partida para explorar o papel significativo da casa na construção da nossa identidade e na formação da nossa psicologia. O livro é uma exploração profunda e poética da relação entre a psicologia humana, a imaginação e os espaços físicos em que vivemos e sonhamos. Bachelard usa uma abordagem literária e filosófica para desvendar os significados subjacentes dos lugares e suas influências psicológicas. O autor investiga a conexão entre a casa e o eu, explorando como a casa pode ser vista como uma extensão da nossa identidade. Ele nos convida a considerar a poesia da terra e do espaço aéreo, incluindo os sótãos, telhados e lugares que nos conectam ao céu. Esses lugares mais elevados são relacionados ao voo, à transcendência e à imaginação. Para Bachelard, a casa é imagem do limiar de um resguardo, o íntimo que inicia, para a consciência, um enfrentamento do cosmos, para além da fusão animalesca das sensações indistintas.

Ao abordar essas sensibilidades atreladas ao espaço, busco traduzir para o meu trabalho a noção que o autor apresenta sobre a casa ser vista como uma extensão da nossa identidade e realidade quando apresento a casa de Eva. O espaço da personagem ao longo da história vai se enchendo cada vez mais, e ficando visualmente poluído conforme os insetos passam a atormentá-la. No início, Eva cuida de sua casa com muito carinho, o que deixa transparecer uma paz e um cuidado interno que transbordam para o seu espaço. Fazer uma faxina, pessoalmente, é algo terapêutico que contempla não só o espaço, como também a mente. Quando a casa está cheia, suja e bagunçada, é como se o meu interior estivesse cheio, sujo e bagunçado. Portanto, busquei representar essa sensação ao mostrar ao longo das

páginas uma poluição visual nas composições quando a personagem passa por momentos turbulentos, fazendo com que a casa seja uma extensão de Eva.

Figura 12- Página do quadrinho: Dentro



Fonte: Arquivo pessoal.

Seguindo a mesma linha de pensamento, destaco o trabalho de Brígida Baltar no que diz respeito à relação espaço-indivíduo. Em seu ateliê-casa, no Rio de Janeiro, a artista trabalha com vários suportes: vídeo, fotografia, performance, instalação, escultura e desenho. Seu corpo e sua residência são a matéria das obras. Elas refletem narrativas autobiográficas onde memória e temporalidade misturam-se, assim como vida e arte, morada e estúdio. O universo feminino e a intimidade doméstica são, por fim, aspectos centrais no trabalho de Baltar.

Entre 1993 e 2005, Brígida Baltar criou “Ações na casa”, obras que consistiram em coletas de lágrimas e goteiras, escavação de buracos e janelas. A artista fundiu-se com a casa, tanto simbólica quanto fisicamente. Essa ocupação foi completa e sensível. Ao escrever nas paredes e plantar ervas em tijolos, Baltar fez um ambiente-obra como extensão de si mesma. A casa é um vestígio da existência. A artista parte dessas ações na casa e expande para o campo da fotografia e dos filmes silenciosos em curta metragem. O registro também faz parte do gênero de coleta que transita por toda a obra de Brígida Baltar. A artista explora memórias afetivas, odores, temperaturas, sensações, sentimentos. Para o espectador, cabe a função de imaginar, quase como num sonho, as experiências registradas. Ao usar a sua casa como um laboratório, a artista a demarca com o próprio corpo. Em “Abrigo” (Figura 13), de 1996, Baltar desenha sua silhueta na parede, escavando-a e adentrando-a, por fim retirando-se dela. A experiência promove uma intersecção simbiótica do corpo da artista com o da casa, juntando suas peles, experiência da qual nenhuma das duas, artista e casa, sai incólume.

“Abrigo” é um trabalho que toca nas afetividades associadas ao lar. Escavar a parede requer um esforço físico muito grande, que pode ser constatado no filme feito por Baltar, mas requer também um esforço mental e sentimental. Tais esforços talvez não sejam sentidos com a mesma intensidade pelo espectador. Contudo, eles podem ser traduzidos como potência de ocupar os seus próprios espaços de ação em sua própria vida. Assim como a artista apresenta essas tensões entre a casa e ela mesma, busco ilustrar essa união no meu trabalho quando mesclo as imagens do espaço e de Eva, fazendo uma sobreposição tal qual Baltar fez em “Abrigo”. Pensando na casa como abrigo, procuro trabalhar a contraposição da ideia que conforto que o ambiente transparece, e os temores hostis que ocorrem no suposto abrigo de Eva.

Figura 13-Abrigo, Brígida Baltar (1996)



Fonte: Itaú Cultural (2019). Acesso em março de 2022.

Essa inversão das sensações dentro da narrativa faz com que a tensão dentro da casa reflita a tensão interior de Eva. Partindo desse contraste, trago como referência o trabalho de Louise Bourgeois. A casa e o feminino são questões que atravessam a poética da artista, que começa a temática desenvolvendo pinturas e esculturas, chamadas *Femme Maison* (Mulher Casa) (Figura 14). Nessas imagens o corpo feminino é fundido com a casa, na qual se localiza onde seria a cabeça. O título dessa série pode nos remeter diretamente à ideia do corpo como abrigo, e o corpo feminino cis seria a imagem por excelência desse abrigo primeiro durante o processo de gestação, algo que a artista explora ao longo de sua carreira. Sobre as obras, Clara Machado, mestre pela UERJ em Artes Visuais, comenta em artigo intitulado “a casa não é casa: negatividade do feminino em Louise Bourgeois”:

Há algo de acolhedor nessa ideia, mas as imagens deixam o espectador em uma zona ambígua. Pois o que se vê, quando olhamos as imagens, são corpos femininos sem rosto, sem identidade, aprisionados e confundidos com a casa. A proteção é também clausura. (MACHADO, 2020, p. 142).

Figura 14- Série de pinturas Femme Maison, Louise Bourgeois (1947).



Fonte: MoMa. Acesso em outubro de 2023.

Evocando as imagens da casa e da mulher, a artista opera na tensão entre a domesticidade e a docilidade, retorcendo e os colocando em contradição nas obras *Red Room (Child)* (Figura 15) e *Red Room (Parents)* (Figura 16), ambas de 1994. Na primeira instalação, a estrutura fechada e uterina nos remete ao abrigo e ao acolhimento, porém o modo como esse espaço se fecha sobre si mesmo tensiona essas noções. O ambiente circundado por portas é contraditório, já que essa passagem, que designa o limite, põe esse quarto como vulnerável, já que essas portas podem se abrir e se trancar. Dentro desse espaço há mobiliários e objetos tipicamente encontrados em um quarto, misturados com objetos aparentemente aleatórios. O acúmulo desses elementos remete ao mesmo tempo ao universo das brincadeiras infantis e também a inquietude por conta da aleatoriedade desses objetos, como se as coisas não estivessem no lugar certo.

A subversão do papel do abrigo que a artista apresenta me interessa, já que tento demonstrar essa mudança no tom da narrativa quando a casa deixa de ser um lugar de acolhimento e passa a ser engolida por insetos, que ameaçam o bem-estar de Eva. Quando Bougeois apresenta o quarto infantil com objetos que não pertencem lá necessariamente, a sensação sentida é de estranhamento. Esse desconforto no meu trabalho aparece desde formigas dentro da geladeira ou entre os dentes, até lacraias por baixo das cobertas. Novamente, é algo que não está no lugar certo.

Figura 15- Red Room (Child), Louise Bougeois (1994).



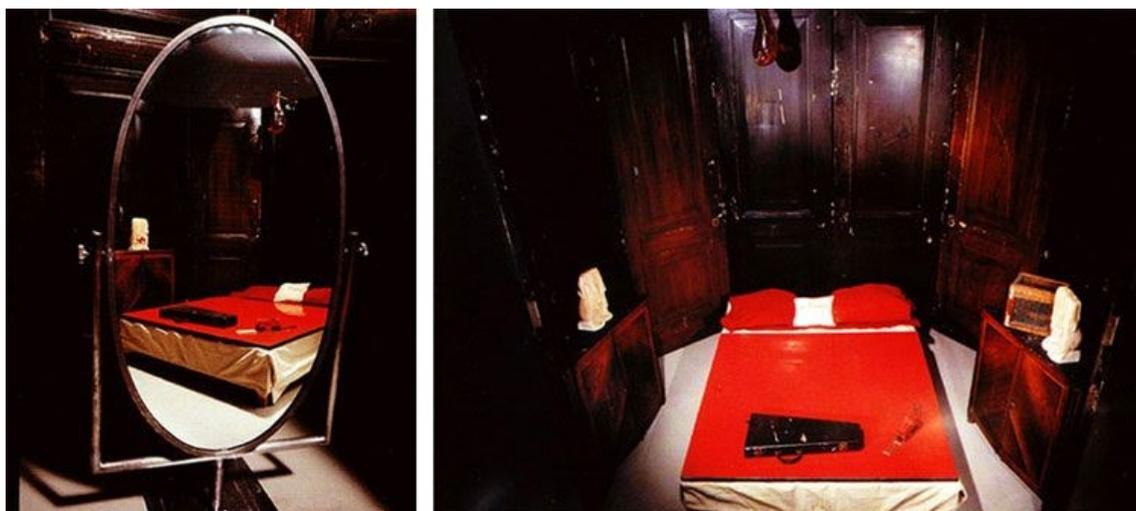
Fonte: Structures of Existence: The Cells. Acesso em novembro de 2023.

Em Red Room (Parents), a estrutura independente e separada do quarto infantil, tem sua entrada curva que não permite o espectador ver o que está dentro a um primeiro olhar, escondendo e convidando a entrar, simultaneamente. Ao adentrar o espaço o espectador vê o reflexo invertido do quarto, que possui poucos elementos. A cama vermelha puxa a atenção do observador, Bougeois diz que “o vermelho é uma afirmação a qualquer custo [...] de contradição, de agressão. Simboliza a intensidade das emoções envolvidas” (BOURGEOIS apud POLLOCK, 2015, p. 63). Esse leito é tingido por uma intensidade agressiva, que contrasta com a pequena almofada branca com “je t’aime” (eu te amo) bordado em vermelho. Os pares conflitantes de Bougeois

demonstram a dualidade entre o conforto, o abrigo do quarto e dos pesadelos e das tensões fundamentais do ser humano em ambas as instalações.

Em Red Room (Parents), o espelho produz um duplo, que é simultaneamente o mesmo e um outro da imagem “real”. A partir disso incorporo os espelhos da casa de Eva como pequenos portais que mostram a casa por outra perspectiva, mostrando o reflexo do espaço cheio, assustando Eva. O vermelho ousado de Bougeois deixa transparecer tensões contraditórias e ameaçadoras para o espaço, assim como o vermelho que eu uso choca e intensifica as emoções da personagem por conta do contraste contra o ambiente todo azul.

Figura 16- Red Room (Parents), Louise Bourgeois (1994).



Fonte: Structures of Existence: The Cells. Acesso em novembro de 2023.

É impossível falar sobre Louise Bourgeois nesse trabalho sem citar Spider (Figura 17), de 1997. A obra consiste em um espaço circular rodeado por telas de metal que guardam em seu interior uma cadeira de madeira coberta por um tapete velho e rasgado. Nas laterais há tapeçarias fragmentadas, medalhas de ouro gravadas, pequenas fotografias e agulhas. Acima disso tudo, uma aranha gigante feita de metal (Figura 18), cujas pernas cercam o exterior das grades. Sobre esse elemento, Clara Machado comenta:

Esta aranha se repete em diversos formatos no percurso de Bourgeois, sendo a mais emblemática chamada Maman (Mãe), 1999, explicitando no título da obra a relação que Bourgeois travava com as aranhas, comparando-as a sua mãe, uma tecelã que restaurava tapetes na fábrica da

família. A postura da aranha em Spider é ambígua, assim como o movimento do animal na natureza; seu corpo projetado sobre a pequena célula parece proteger o espaço e a quem estiver ali dentro, mas ao mesmo tempo poderia se tratar de uma armadilha mortal. (MACHADO, 2020, p. 149)

Figura 17- Spider, Louise Bourgeois (1997).



Fonte: Structures of Existence: The Cells. Acesso em novembro de 2023.

Figura 18- Maman, Louise Bourgeois (1999).



Instalação. Fonte: MAM. Acesso em novembro de 2023.

Representar o abrigo de forma subversiva não é algo exclusivo de Louise Bougeois. A partir do contato que tive com a obra *My Bed* (1998) (Figura 19), de Tracy Emin, comecei a pensar no espaço de descanso como uma reflexão das nossas movimentações internas. A artista apresenta nessa instalação uma cama retirada de seu ambiente natural, no centro de uma galeria. Sobre e no entorno da cama há uma diversidade de objetos reais, dentre eles um par de chinelos, camisinhas, cigarros, garrafas vazias e roupas íntimas. A cama desfeita em evidência é como se fosse um autorretrato da artista, provocando a convenção de exibir algo que é privado normalmente. A instalação fala sobre nascimento, descanso, sexo, depressão, doença e morte, situações que acontecem no íntimo do quarto, da casa.

Emin olha para si como material de trabalho para tratar temas fundamentais humanos, como amor, desejo, perda e luto. Inspirada pela honestidade da artista, busquei maneiras de executar de maneira crua e sincera um autorretrato, porem mantendo uma distância que a ilustração me permite. Eva é uma extensão de mim, uma história que apresento como autorretrato de certa forma. A casa da personagem é o cenário unido ao corpo, assim como a cama de Tracy Emin, a poluição do local e

as mudanças que acontecem nesse espaço são reflexo direto das movimentações internas de Eva.

Figura 19- My Bed, Tracy Emin (1998).



Fonte: Tate Modern, Acesso em março de 2022.

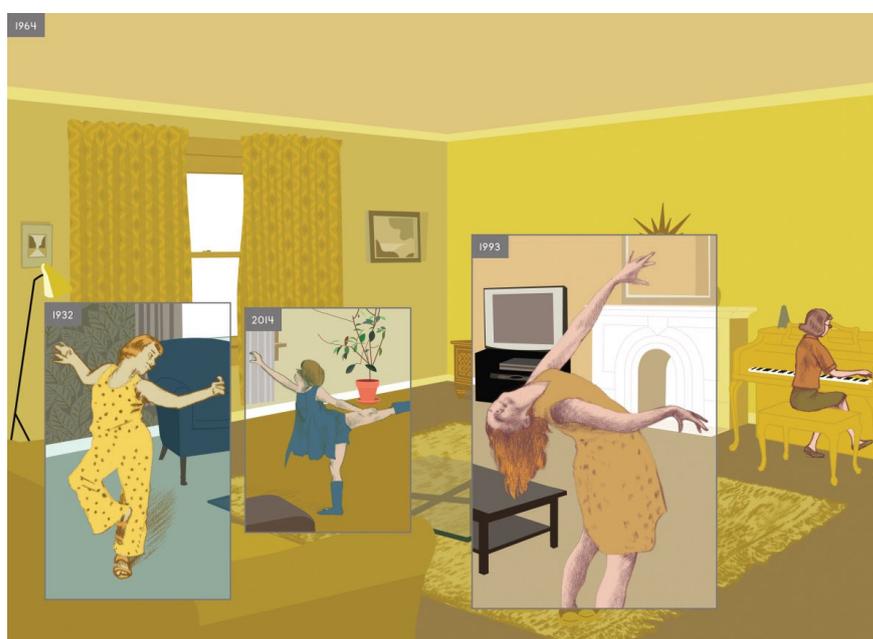
As referências trazidas até agora não contemplam a imagem da casa de modo direto como busco mostrar no meu trabalho. Portando, a adição do livro “Aqui”, de Richard McGuire³ (Figura 20), foi fundamental na construção visual da obra final. A história em quadrinhos se passa em um único ambiente, o canto da sala de estar da casa de infância do autor, construída em 1907. O livro se expande entre milhões de anos antes de Cristo até 22.175, porém a maior parte da história se passa nos séculos XX e XXI.

As primeiras páginas apresentam interiores silenciosos e desabitados: 2014 (apenas um sofá), 2014 (uma estante de livros sendo preenchida), 1957 (um cercado de criança), 1942 (um banco, um espelho), 2007 (um sofá-cama desdobrado). No entanto, assim que um ser humano aparece, algo estranho acontece. Em 1957, uma mulher fica olhando vagamente para os móveis e tenta lembrar por que entrou na sala, enquanto, na parte inferior da página, um gato preto passa, em 1999. Na próxima página, a mulher ainda está parada, perdida em pensamentos, e o gato está limpando a pata, mas ao redor de seus dois quadros em forma de vinheta, há florestas com

³ Richard McGuire é um renomado artista e autor de quadrinhos conhecido especialmente por sua novela gráfica inovadora 'Here', que explora a passagem do tempo e eventos históricos em um mesmo espaço físico.

neve que parece estar derretendo, em 1623. Com algumas exceções, cada página subsequente envolve o passado invadindo o futuro ou o futuro invadindo o passado, às vezes como um conjunto encaixado ordenadamente em outro, às vezes como momentos de diferentes épocas. Uma bola de beisebol quebra a janela e voa para dentro da sala em 1983; um homem quebra um cadarço em 1991; dois homens brigam em 1910; um pedaço de espelho e papel de parede espreita em 1949 - tudo isso em uma única página.

Figura 20- Página do quadrinho “Aqui”, de Richard McGuire (2014).



Fonte: <https://www.richard-mcguire.com/>. Acesso em março de 2023.

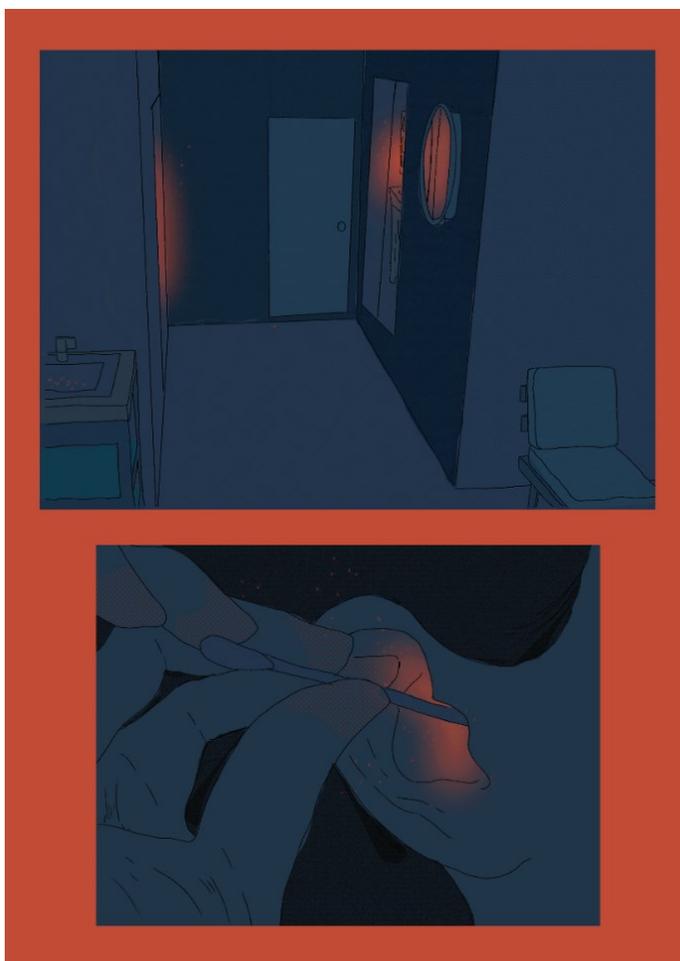
O livro é uma cápsula do tempo, a história não segue uma pessoa, mas sim foca no espaço e no tempo. Em “Aqui”, McGuire introduz uma terceira dimensão para a página plana, abrindo buracos nas páginas para dar espaço à outras temporalidades. A obra é o equivalente em quadrinhos de uma descoberta científica. É também uma linda evocação do espírito do lugar, um drama familiar sob o olhar da eternidade e uma história de fantasmas na qual todos nós somos convocados a assombrar e sermos assombrados em troca.

A fim de apresentar a casa como um dos elementos centrais da minha obra, absorvo a centralização e a influência do ambiente doméstico para contar uma história. Não posso negar também o peso que a ilustração de McGuire teve no

desenvolvimento estilístico do meu trabalho. Ter o livro em mãos e estudar as cores e composições das cenas foi fundamental para a construção dos meus ambientes.

Em muitos momentos a casa de Eva se mistura com ela mesma, como se ela e o espaço fossem um só. O modo com que a personagem interage e cuida da sua casa é um dos elementos mais importantes da narrativa. A partir do momento que esse ambiente começa a ser tocado por insetos, é como se Eva fosse tocada também. A tomada do espaço é a tomada do corpo, os dois como uma unidade (Figura 21).

Figura 21- Página do quadrinho: Corredor.



Fonte: Arquivo pessoal.

4.PROCESSO CRIATIVO

4.1. ORGANIZAÇÃO

A idealização desse trabalho ocorreu durante o Ateliê de História da Arte, onde me dediquei à organização cuidadosa da minha pesquisa de referências, alinhando-as de acordo com a visão que eu desejava para o trabalho. Incluí tanto influências artísticas quanto literárias, culminando na apresentação do esboço do meu TCC como projeto final da disciplina. A pesquisa empreendida para o ateliê não apenas fundamentou meu entendimento da minha própria poética, mas também enriqueceu minha afinidade pela escrita e pela investigação em história da arte.

Assim que comecei a fazer anotações e pensar na possibilidade de dar continuidade ao trabalho realizado na disciplina de História em Quadrinhos, surgiram diversos questionamentos sobre como eu adaptaria essa narrativa para a minha poética atual, tendo uma vivência maior sobre o que desejo abordar. Durante esse tempo de ruminação, produzi algumas imagens que atravessavam a temática de certa forma. Conforme fui idealizando esse trabalho, muitas vezes acabei ilustrando os mesmos elementos: bichos infestando algum tipo de alimento. A partir dessas imagens, criei uma espécie de “moodboard” inicial para o desenvolvimento das concept arts que fiz para o Ateliê de Arte Computacional, no início de 2023 (Figura 22).

Figura 22- Estudos das concept arts (2023).



Fonte: Arquivo pessoal.

Conforme o andamento da disciplina, fiz uma série de experimentações no desenho para que ao final da disciplina, eu chegasse em três concept arts, cada uma revelando um aspecto da narrativa. Na primeira (Figura 23), parti da ilustração prévia da comida infestada, mas agora, adiciono o projeto do que seria a personagem, olhando para cima. Faço uma pequena alusão ao nome da personagem ao representar majoritariamente imagens de maçãs carcomidas, porém escolhi abolir essa simbologia no trabalho final por achar que essa é uma exploração rasa de algo que tenho interesse em pesquisar mais a fundo no futuro.

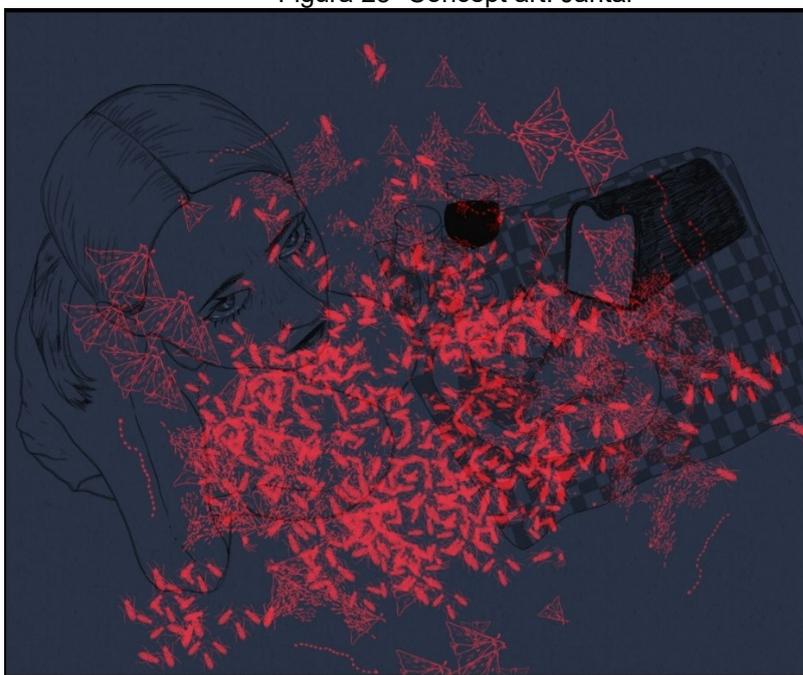
Na segunda imagem que produzi, queria que a personagem estivesse presente, mas de certa forma oculta. A melhor maneira que encontrei de passar essa sensação foi por um feixe de luz iluminando, por uma porta aberta, um sofá. O móvel aqui situa a narrativa em uma casa, elemento que não se fez presente na ilustração anterior. Nessa cena (Figura 24), os insetos em um tom de laranja avermelhado, chamam atenção dentro da composição, deixando a presença da casa e dos indivíduos como coadjuvantes.

A última imagem que produzi no Ateliê, busquei protagonizar os elementos velados na imagem anterior. Nesta (Figura 25), trouxe uma versão da personagem, sentada com um semblante melancólico no meio da composição. Sobre ela, há a projeção da planta da casa, numa cor mais clara que todo o resto, tendo um destaque

maior na ilustração. Em cima de tudo isso, os insetos múltiplos, carimbados com a mesma cor que permeia toda a imagem, o azul.

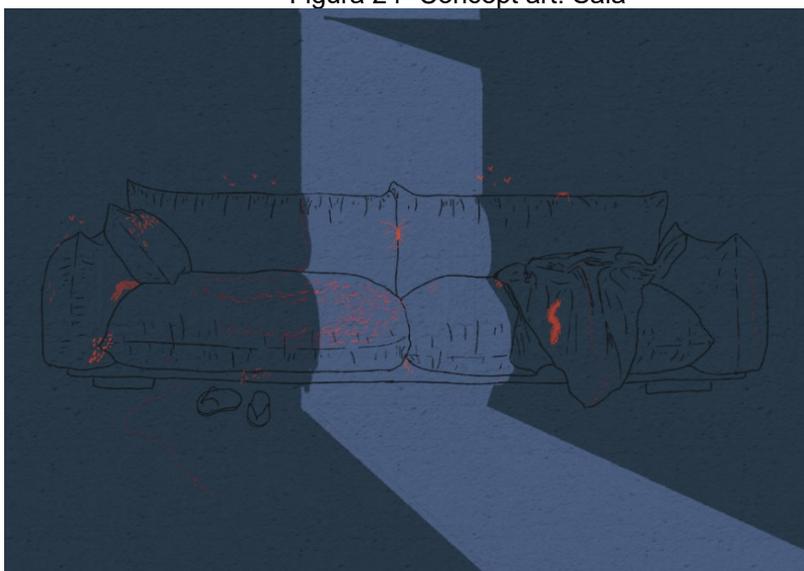
Ao observar essas imagens, percebo o uso da paleta de cores mais reduzida, brincando com o contraste do azul e do vermelho. Agora vejo que meu processo teria sido mais tranquilo se eu não tivesse ignorado esses primeiros instintos nos primeiros rascunhos da narrativa visual.

Figura 23- Concept art: Jantar



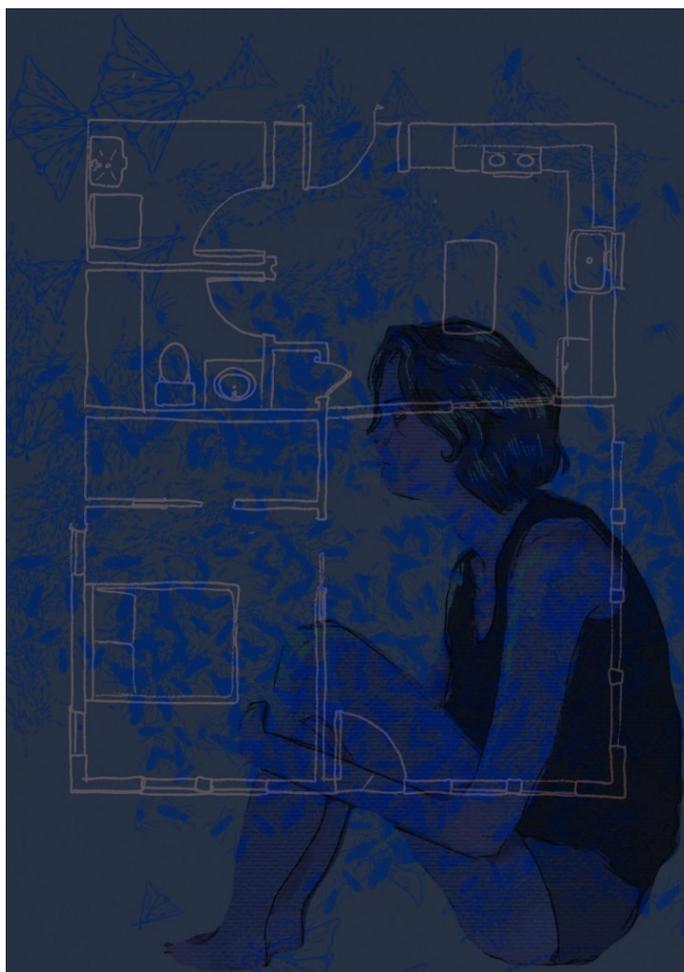
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24- Concept art: Sala



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 25- Concept art: Planta.



Fonte: Arquivo pessoal.

Como trabalho final da disciplina, foi pedido para que trouxéssemos versões impressas das imagens produzidas em A3. Ver os trabalhos em mãos, fisicamente, despertou a vontade de trazer para o físico esse trabalho feito no digital. Tendo isso em mente, optei pelo formato A4, pelo tamanho ser suficiente para observar os detalhes da ilustração, e ser de fácil manuseio.

4.2. PRODUÇÃO

Meu processo se deu de forma desordenada. Tentei de diversas formas organizar de forma eficiente as produções e entregas, porém isso acabou barrando o fluxo natural que esse processo criativo ocorre para mim. A princípio, anotei todos os eventos que eu gostaria de ilustrar, e depois pretendia organizá-los em um roteiro típico, planejando página por página. E esse formato deu certo apenas por algumas páginas, porque conforme eu ia escrevendo, me prendi em detalhes insignificantes para o trabalho final, e isso atrasou imensamente a concepção das ilustrações. Senti que a elaboração de um roteiro tradicional me aproximou muito mais de uma HQ tradicional, o que não era necessariamente o que eu queria como produto final, mas que me serviu bem nas primeiras páginas da narrativa.

Figura 26- Rascunho da terceira página da HQ (2023).

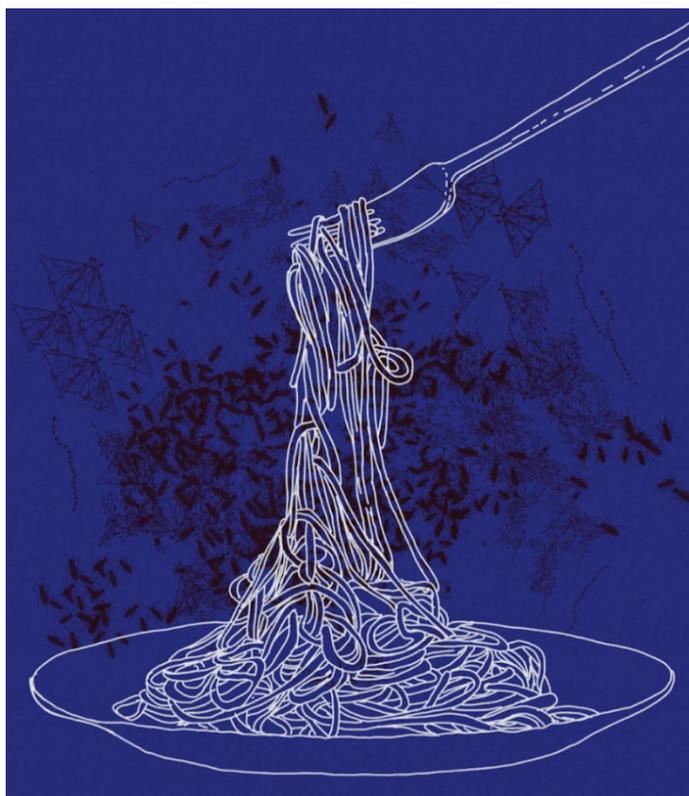


Fonte: Arquivo pessoal.

Partindo dessa escrita inicial, comecei os esboços das primeiras páginas. Inicialmente, havia decidido fazer de maneira simplória, lineart preta, sobre um fundo claro (Figura 26). Conforme produzi 5 ou 6 rascunhos, notei que tinha perdido o conceito que pensei lá atrás, e que agora o projeto tinha muito pouco de mim, estava tudo engessado.

A frustração de perceber o abismo entre o que eu idealizei e o que eu produzi me colocou em um lugar delicado, principalmente em relação ao tempo que demoraria para começar tudo do zero, com um novo plano. Decidi me distanciar da estrutura rígida que me impus, e passei a ilustrar de maneira despreziosa, para ver se tinha algo que valia a pena incluir nessa etapa. Voltei para a primeira concept art que produzi. Quais são os elementos que mais chamam atenção? O que eles dizem sobre a história? Qual a sensação que a imagem traz?

Figura 27- Ilustração de refresco para a HQ, 2023.



Fonte: Arquivo pessoal.

A partir da concepção dessa imagem (Figura 27), decidi ilustrar a HQ de forma orgânica, de acordo com o meu processo criativo natural. Com essa imagem, fica muito claro a minha insistência com o múltiplo, com o azul e com o ato de consumir.

Com esse novo ponto de partida, passei a ilustrar cenas sem ter nada escrito, do final para o começo. Percebi que desenhar os momentos calmos da personagem na casa não ressoavam com as minhas movimentações internas, e isso acabou tirando um pouco do propósito que tinha estabelecido para esse projeto.

Conforme essas novas observações, refiz todas as páginas que havia ilustrado, adequando ao novo padrão definido. Nessa nova tentativa, trabalhei muito mais o contraste, tanto das cores quanto das sensações. Sobrepus os requadros em um fundo avermelhado, da mesma tonalidade em que os insetos aparecem. Nas primeiras páginas, o azul aparece pleno, sem o grito do vermelho puxando o olhar na composição.

Em relação a parte técnica do desenho, baseei a aparência da personagem na minha própria aparência. Como os desconfortos e os afetos de Eva são meus, por que não dar vida à personagem pelas minhas feições? Ao decidir isso, passei a observar com mais cuidado as minhas expressões, tirando fotos dos ângulos em que eu não conseguia me enxergar com clareza.

Ao fazer testes de impressão, percebi que o tamanho que havia pensado não seria o que mais favoreceria o trabalho. Por conta disso, optei por reestruturas todo o trabalho para caber no formato 25x18,5 cm. As margens foram aumentadas, a fim de destacar a ilustração, e os espaços entre os quadros foram diminuídos. Apesar da nova padronização dos requadros, quis manter o formato desordenado, já que a narrativa acontece dessa forma.

Por fim, peguei todas as imagens produzidas dessa nova forma e as coloquei em uma sequência que fizesse sentido, formando uma narrativa visual. Trabalhar dessa maneira me permitiu uma maior liberdade criativa, fazendo todo o processo de concepção da HQ muito mais prazeroso, fazendo com que eu lembrasse do meu apreço pela arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse trabalho acalentou a necessidade que eu sinto de exprimir sentimentos pessoais, mantendo uma certa distância, ao utilizar de metáforas e simbolismo, dentro de uma narrativa inventada.

Durante o processo, pude entender com mais clareza o meu método criativo. Percebo também o tamanho da influência que as referências trazidas tiveram, tanto na realização desse TCC, quanto no meu entendimento artístico como um todo.

Sinto que consegui obter os resultados que eu gostaria com os recursos que eu tive. O espaço que a HQ me abriu artisticamente, juntamente com a sensibilidade literária de Clarice Lispector, não de trilhar minha jornada como artista em busca da autoexpressão em futuros trabalhos.

Olhar a casa, o inseto e eu mesma foi desafiador, porém muito gratificante. Explorar a ilustração narrativa dentro desses atravessamentos, me proporcionou um aprendizado riquíssimo, que vejo como um caminho para outros desdobramentos nesse campo.

Enfim, finalizo essa etapa frisando o meu gosto pela pesquisa e pelo fazer artístico.

REFERENCIAL TEÓRICO

ALONSO, Mariângela; LEITE, Guacira Marcondes Machado. O substrato mítico em A paixão segundo GH, de Clarice Lispector. 2008.

BACHELARD, G. A poética do espaço Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.

BALTAR, Brígida. Abrigo, 1996. Impressão fotográfica 60x40 cm [cada]. Pinacoteca, São Paulo.

BOURGEOIS, Louise. Femme Maison, 1947. Óleo sobre tela. Collection Louise Bourgeois Trust, Nova Iorque.

BOURGEOIS, Louise. Red Room (Child), 1994. Instalação. Imagem disponível em: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/exhibitions/louise-bourgeois-structures-of-existence-the-cells>

BOURGEOIS, Louise. Red Room (Parents), 1994. Instalação. Imagem disponível em: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/exhibitions/louise-bourgeois-structures-of-existence-the-cells>

CORALINE [Filme] Direção por Tim Burton. Estados Unidos: Laika, 2009. (100 min.).

DANTON, Gian. O roteiro nas histórias em quadrinhos. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

FLY. [Filme] Direção por Yoko Ono e John Lennon. Inglaterra, 1970. (22 min.).

JAMES E O PÊSSEGO GIGANTE [Filme] Direção por Tim Burton. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1996. (79 min.).

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Planeta Estratégia, 2019.

KUPER, Peter. The Metamorphosis. Crown Publishing Group (NY), 2003.

LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. Editorial Universidad de Costa Rica, 1996.

MACHADO, Clara. A casa não é a casa: negatividade do feminino em Louise Bourgeois. Revista Desvio, v. 6, p. 140-151, 2020.

MATEU-MESTRE, Marcos; KATZENBERG, Jeffrey. Framed ink: drawing and composition for visual storytellers. Design Studio Press, 2010.

MCCLOUD, Scott. Understanding comics: The invisible art. Northampton, Mass, v. 7, p. 4, 1993.

MERÇON, Francisco Elias Simão. O motivo da Metamorfose em Franz Kafka. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 8, n. 2, 2010.

OS FANTASMAS SE DIVERTEM [Filme]. Direção por Tim Burton. Estados Unidos: Plan B Entertainment, 1988. (92 min.).

PEREIRA, Carolina Vik. Creators and Creatures: Visualizing Franz Kafka. 2023. Tese de Doutorado.

POLLOCK, Griselda. Seeing red, or, when affect becomes form. In: Louise Bourgeois. Structures of existence: the cells. LORZ, Julienne (org.), pp. 62 – 70. Prestel, London, 2015

SILVEIRA, Regina. Mundus Admirabilis, 2007. Vinil adesivo 20x20x7 m. CCBB, Brasília. Imagem disponível em: <https://reginasilveira.com/MUNDUS-ADMIRABILIS-1>. Acesso em 2022.

SILVEIRA, Regina. Suddlenly, 2000. Sobre-vidrado em porcelana. Imagem disponível em: <https://reginasilveira.com/filter/objeto/PORCELANAS>. Acesso em julho de 2022.

YANAGI, Yukinori. The World Flag Ant Farm, 1990. Disponível em: <http://www.yanagistudio.net/>. Acesso em abril de 2023.